TRES LYRAS.

COLLECÇÃO DE POEZIAS DOS BACHAREIS

TRAJANO GALVÃO DE CARVALHO,

A. MARQUES RODRIGUES,

G. H. DE ALMEIDA BRAGA.

1862.

TRES LYRAS.

TRES LYRAS.

COLLECÇÃO DE POEZIAS DOS BACHAREIS

TRAJANO GALVÃO DE CARVALHO,

A. MARQUES RODRIGUES,

G. H. DE ALMEIDA BRAGA.

Á VENDA:

Na Typ. do PROGRESSO, r. da Paz, 4 A,

PREÇO: 3$000.

T. GALVÃO DE CARVALHO.

O BRAZIL.

Imperium sine fine.
VIRGILIO.

Porque gemes, porque choras
Tão triste assim, meu Brazil?
Porque nos labios demoras
Esse sorriso febril?
N'alma te peza algum crime,
Seu ferrête vil te imprime
Na fronte remorso atroz?
Cuspiram-te alguma injuria,
Algum Nero, acceso em furia,
Infame jugo te impoz?

Quem offusca a formosura,
Que te enfeita o lindo céo,
Onde se estampa e fulgura
Da lua a face sem véo?

Quem traja tantos verdores,
Quem tem mais lindos amores,
Quem mais garbo e louçanias ?
Porque, pois, te quedas triste,
Porque—tam ledos—banniste
Os sorrisos, que sorrias ?

Cobra alento—sus—avante,
Despe esse lucto, essa dôr !
Meu Brazil, és um gigante,
Mas no berço e sem vigor;
És aguia inda no ninho
Que do pico, aos ceos visinho,
Não arrostra a luz do sol;
És um astro no nascente
A brilhar mui frouxamente
Co'a frouxa luz do arrebol!..

Mas esse astro, que fulgura
Com mui tenue, escassa luz,
Que apenas na face escura
Da noite tibio reluz,
Ha de em éstos referventes
De fogo vasar enchentes
Ha de o mundo deslumbrar;
Como o cometa, que em Roma,
Saccudindo fero a coma,
Veio o mundo amedrontar !

Mas essa aguia tenra, implume,
Que inda não sabe voar,
Que do sol o vivo lume

Não pode firme fitar;
Co'o fragor da tempestade,
As azas battendo, ha-de
Junto ao sol ir-se aquecêr;
Ha de as azas disferindo,
A luz do sol encubrindo,
Ha de o mundo escurecêr!..

Mas o gigante impotente,
Infante e sem robustez
Como o Archanjo lusente,
Que o Rebelde tem aos pés,
Ao mundo, que aos pés lhe treme,
Que em negra borrasca freme
Com desmedido fragor,
Dirá, battendo no peito:
«Eis-me aqui, rende-me preito:
«Eis-me aqui—sou teu senhor.—»

Eia, pois, esmalte o riso
Os labios, que a dor crestou!
Co'um munifico sorriso
Deus p'ra muito te creou!
Que Nação teve começo
Tão grande, de tanto apreço,
Tão subido, tanto assim?
Se não dormes respeitado
Á sombra do teu passado,
Tens um futuro sem fim!...

Olinda—1850.

O CALHAMBÓLA.

Aqui, só, no silencio das selvas
Quem me pode o descanço vedar?
Durmo á noite n'um leito de relvas,
Só a aurora me vem despertar.
Ante a onça, que afoita anda á corso,
Mais afoito meus passos não torço,
Nem é dubia uma lucta entre nós.
O bodoque a vez suppre da bala,
Toda a matta medrosa se calla,
Quando rujo medonho na voz.

Tenho fome? A palmeira se verga,
Seus coquilhos alastram o chão,
E debaixo a Cutia se enxerga
Assentada comendo na mão:
Se as entranhas se abrasam sedentas,

Tu, ó terra, mil fontes rebentas,
Como as fontes do leite á mulher !
N'um terreno tão farto e maduro
Quem lá pode cuidar no futuro,
Quem de fome ou de sêde morrer ?

Nasci livre, fiseram-me escravo,
Fui escravo, mas livre me fiz.
Negro, sim; mas o pulso do bravo
Não se amolda ás algemas servis!
Negra a pel, mas o sangue no peito,
Como o mar em tormentas desfeito,
Ferve, estua, referve em cachões!
Negro, sim; mas é forte o meu braço,
Negros pés, mas que vencem o espaço,
Assolando, quaes negros tufões !

Negro o corpo, afinou-se minh'alma
No soffrer, como ao fogo o tambor;
Mas altiva reergue-se a palma
Com o peso, assim eu com a dôr !
Como a lingoa recolhe, pascendo
Tamanduá, de formigas fervendo,
Tal de açoutes cingiram-me os rins:
E eu bramia, qual onça enraivada,
Que esbravêja, que brame acuada
Em um circo de leves mastins.

Eu bramia, porem não chorava,
Porque a onça bramio, não chorou:
Membro a membro meu corpo quebrava,
A vontade ninguem m'a quebrou!

Como reina a mudez na tapéra,
No meu peito a vontade é que impera,
Aqui dentro só ella dá leis:
Se commetto uma empresa gigante
Co'o bodoque ou co'a flecha talhante,
A vontade me brada—podeis.—

Oh! que sim! estes hombros possantes
Digno assento da fronte de um rei
Não m'os hão de sulcar vis tagantes
Nunca mais.. nunca mais que o jurei!
O homem forte que brada aos verdugos
«Guerra, guerra, ou quebrai-me estes jugos»
Tem um eccho, tem voz lá no céo.
O que a morte não teme, eis o forte,
E mal basta o temer-se da morte,
Quem na vida tormenta correu.

Outros ha, cujo peito abebera
O temor, como ao peixe o tingui:
Oh! meu Deus! Oh! poder que eu podera
Accendê-los n'um raio de mi!
Este sangue, em que bôlha o insulto
De um covarde nas veias inulto
Não corrêra, ou vasara-o no chão!
Mas eu só... maldicção sobre a escrava
Que o filhinho p'r'o jugo aleitava,
Sobre ti, minha mãe, maldição!

Vivo só... pouco fundem meus brios
Contra o numero e a força brutal,
Invios mattos, occultos desvios

Não me off'recem guarida cabal !
De que vale ao páo d'arco a rijeza
De seu tronco, que o ferro despresa,
Quando o ceo vibra raios a mil ?
Oh ! se cae... toda a matta retumba !
Pouco importa que o bravo succumba
Quando a morte é briosa, é viril.

Olinda--1854.

AO DIA 28 DE JULHO.

Mil galeras vogando formosas
Vão de um polo a outro polo dar leis,
E parecem dizer de orgulhosas:
«Vós, ó vagas, captivas sereis.»
Mas a brisa é tufão que descança,
É procella, que dorme, a bonança,
Brandas vagas, dormidos cachões:
E se o mar procelloso batalha,
Mil galeras sacode, qual palha,
Repellida por negros tufões.

Foi assim que o vil jugo ferrenho
Sacudiste da nobre cerviz,
E quebraste com horrido cenho
Dos grilhões os sonoros fuzis...
Sim, dormiste—inda mal—entre ferros,

E teus filhos curtiram desterros
Sem ter patria, nem rei, nem altar;
Mas que importa, que o sol, que nascia
Visse escravo a quem livre já via
Quando foi mergulhar-se no mar?

Mas que importa, se as sordidas manchas
De tres sec'los se offuscam á luz
D'este dia, no qual forte insanchas
Com um povo o mysterio da Cruz?
Ha quem possa no sol, que derrama
Bastos raios de esplendida chamma,
Raras nodoas mesquinho notar?
Maranhão, ergue a fronte sublime,
Que o passado de affrontas redime
Quem n'o sabe com sangue lavar.

Ergue a fronte, caminha seguro
Qual te cumpre, com ar senhoril;
Ergue a fronte, já tens um futuro,
És um membro do vasto Brasil!...
Ergue a fronte, caminha, caminha,
Do Progresso trabalha na vinha,
Que trabalhas na vinha de Deus:
Ergue os olhos, mergulha-os no espaço;
Da natura ao Brasil no regaço
Vê quão faustos lhe são terra e céos!!..

Ergue os olhos, mergulha-os na terra,
Em que incerto se infere o porvir...
D'essa esp'rança robusta, que cevas
Não descreias—não ha de mentir..

Vê ao longe por todas as partes
Os thesouros da industria, das artes,
E uma c'rôa de louros tambem:
Eia avante!.. mas como? Tu paras!?
Desfalleces de fome nas aras
Da abundancia que o solo mantem? !....

O Brazil é qual turbido lago
De immensissima e vasta amplidão,
Donde correm mui trepidos, vagos,
Lindos rios, qual tu, Maranhão!
E dos rios qual doce murmura
Qual já tumido o curso appressura,
Qual as ondas imita do mar:
Maranhão, quando os outros abasta,
Mãe-commum, essa fonte tão vasta,
Porque as aguas te ha de negar?

O Brasil é qual arvor'gigante,
Que nas mattas mil annos cresceu,
E arreigada, soberba, arrogante,
Quer subir-se ás alturas do ceo:
E do tronco mil ramos se vergam,
E nos ramos mil flores se enchergam,
Que em mil pomos se vão converter..
Quando os outros se vestem de flores,
Bello ramo, do sol aos ardores
Tão asinha porque has de morrer?!

O Brazil é qual ceo que fulgura
Tachonado de estrellas a mil,
Quando a lua nas trevas escuras

Não emmolda seu rosto gentil:
Qual jardim onde lutam as rosas,
As estrellas no céo de vaidosas
Se derramão em raios á flôr...
Quando a noite de estrellas se arreia,
Quem teu brilho modesto escasseia,
Maranhão, pobre estrella sem luz?

Olinda—1853.

A CRIOULA.

Sou captiva... qu'importa? folgando
Hei de o vil captiveiro levar!..
Hei de sim, que o feitor tem mui brando
Coração, que se pode amansar!...
Como é terno o feitor, quando chama,
Á noitinha, escondido co'a rama
No caminho—ó crioula, vem cá!—
Ha hi nada que pague o gostinho
De poder-se ao feitor no caminho,
Faceirando, dizer—não vou lá—?

Tenho um pente coberto de lhamas
De ouro fino, que tal brilho tem,
Que raladas de inveja as mucamas
Me sobr'olham com ar de desdem.
Sou da roça; mas, sou tarefeira...

Roça nova ou feraz capoeira,
Corte arroz ou apanhe algodão,
Cá comigo o feitor não se cansa;
Que o meu côfo não mente á balança,
Cinco arrobas e a concha no chão !

Ao tambor, quando saio da pinha
Das captivas, e danço gentil,
Sou senhora, sou alta rainha,
Não captiva, de escravos a mil !
Com requebros a todos assombro
Voam lenços, occultam-me o hombro
Entre palmas, applausos, furor !..
Mas, se alguem ousa dar-me uma punga,
O feitor de ciumes resmunga,
Pega a taca, desmancha o tambor!

Na quaresma meu seio é só rendas
Quando vou-me a fazer confissão;
E o vigario vê cousas nas fendas,
Que quisera antes vê-las nas mãos...
Senhor padre, o feitor me inquieta;
E' peccado..? não, filha, antes peta...
Gosa a vida... esses mimos dos céos
És formosa... e nos olhos do padre
Eu vi cousa que temo não quadre
Co'o sagrado ministro de Deus...

Sou formosa... e meus olhos estrellas
Que transpassam negrumes do céo
Attractivos e formas tão bellas
P'ra que foi que a natura m'as deu?

E este fogo, que me arde nas vêias
Como o sol nas ferventes arêas,
Porque arde? Quem foi que o ateiou?
Apaga-lo vou já—não sou tola...
E o feitor lá me chama—ó crioula
E eu respondo-lhe branda «já vou.»

7 de Setembro de 1853.

A R. CARVALHO.

Deslaçae-vos do peito que abafa,
Minhas lagrimas tristes, correi!
Colhe a morte co'a impia tarrafa
Um a um minha misera grey...
E minh'alma de dores se veste
Qual de folhas o triste cypreste,
Que entre os mortos raises prendêu.
Foi por terra sem força minh'alma
Como a flôr nos ardores da calma
Desherdada das chuvas do céo!..

Como é triste na selva a tapera
Solitaria do dia ao tombar:
Como é triste o roçado onde impera
O silencio, alta noite, ao luar:
Como é triste do tronco o gemido,

Do machado incessante mordido,
Quando immenso baqueia no chão:
Como é triste no meio da matta
Velha Cruz que algum crime delata,
Assim triste é o meu coração ! !

—

Eu já vi na margem garrula
De uma roça esperançosa
Mas mimoso que uma rosa
Debil tronco a tremular:
Assentei-me á sombra tremula
Por fugir do sol aos lumes,
Aspirei doces perfumes
Como nunca hei de aspirar!..

Ao redor da gentil arvore
Suspirava a sururina
E na areia branca e fina
Vem lavar-se a pequapá:
Pelas folhas passa rapida,
Repetindo, a meiga brisa
Doces cantos, que improvisa,
Lá da matta o tatairá.

Quando o sol se apruma esplendido
Rebrilhando na floresta
Branda sombra o tronco empresta
Aos renovos sem vigor;
Simelha o tronco sollicito
Quando ensombra os seus renovos,

Meiga pomba queá seus ovos
Dá do peito almo calor.

Mais alem tenras vergonteas
Ao debil tronco se arrimam,
Co'a mesma seiva se animam,
Nascem da mesma raiz:
Oh ! meu Deus, como era placido
Tal viver, tanta harmonia!
Viver do céo parecia
Este viver tão feliz !

—

E o tronco lá jaz debruçado e sem folhas
Que a morte impiedosa á raiz lhe pousou.
E os fracos renovos se myrram, definhão,
Que as tenras folhinhas o sol já crestou !

Deslaçae-vos do peito que abafa,
Minhas lagrimas tristes, correi !
Colhe a morte co'a impia tarrafa
Um a um minha misera grey...
E minh'alma de dores se veste
Qual de folhas o triste cypreste,
Que entre os mortos raises prendêu.
Foi por terra sem força minh'alma,
Como a flôr nos ardores da calma,
Desherdada das chuvas do céo !..

Olinda—Março de 1853.

N'UM ALBUM.

Era uma noite de medonhas trevas,
Eram as trevas de embastida matta,
Era um mancebo a meditar profundo
Co'a lyra em punho.

E mil serpentes ao redor silvavam,
E aos roucos brados da borrasca irosa
A onça casa de faminta e seva
Asp'ros rugidos.

E ao sibilar do furacão respondem
Os tristes ais do combalido tronco,
Que abatte logo aos importunos pios
Do mocho triste.

E o céo bramia temeroso e ferreo,
Vibrando raios entre mil relampos,
E a terra treme, como um réo de crimes
Ante os juizes.

Era a procella a requintar horrores!..
E á luz do rayo, que incendeia a matta,
Era o mancebo a meditar profundo
Co'a lyra em punho.

Disia o bardo, com a voz sonora
Os sons mesclando da divina lyra:
«Mais densas trevas, mais ferrenha noite
Pesam-me n'alma.

Cerrou-se a noite no meu peito eterna...
Foi céo d'amores, mas agora inferno
Não ha manhã, que lhe adelgace as trevas
Com ledas côres.

Negras procellas contrastei seguro,
Como um rochedo, lá no mar da vida,
Ondas e ondas de invejozas torpes,
Doidas surgiam.

Trilhei co'a planta venenosas serpes,
Que brota e ceva o coração do reprobo,
Mais vis que as tuas, tem mais negra baba,
Sonora matta.

Ouvi sem mêdo a prepotencia injusta,
Raivando insana contra o pobre bardo,
C'roadas onças contra mim bramiram,
Com duro cenho.

Mas ai!... que ao bardo tantas luctas, tantas,
Das mais ao livel arrasaram-lhe a alma,
Murchos amores, combatidas crenças
Gelam-lhe o estro.....

Cerrou-se a noite no meu peito eterna..
Foi ceo de amores, mas agora inferno
Não ha manhã, que lhe adelgace as trevas
Com ledas côres..............»

....
....

E o céo bramia temeroso e ferreo
Vibrando rayos entre mil relampos,
E a terra treme, como um réo de crimes
Ante os juizes.

Era a procella a requintar horrores!....
Co'a luz do raio, que incendeia a matta,
Era um mancebo a meditar profundo
Co'a lyra em punho.

7 de Agosto de 1853.

NURANJAN.

Nuranjan, em que scismas tão triste,
Ai! tão triste em que scismas assim?
Os sorrizos da infancia banniste,
Porque os trocas por dôres sem fim?
Tua irmã, teus irmãos, teus parentes
No terreiro lá folgam contentes,
Aos sons rudes do rudo tambôr:
Tua falta os crioulos lamentam,
Já de novo os tambores aquentam,
Por ti brada o seu ledo clamor.

Em que scismo? Em que scisma a captiva?
Ah! da negra o que importa o scismar?
D'estes sonhos ninguem não me priva,
Ah! deixai-me, deixai-me sonhar!...
Vês a lua, que brilha serena

Solitaria—como alma que pena—
A vagar pelos campos d'além?
Porque os brilhos co'a noite despende,
Quem na terra os sorrisos lhe entende,
Em que scisma? Não sabe ninguem.

Amo a lua saudosa, que vaga
Na campina azulada dos ceos,
Porque a lua co'os raios me afaga,
E levanta minh'alma até Deus!
Amo a lua, porque amo a tristeza,
Porque a lua jamais se despreza
D'escutar meus queixumes de dôr:
Porque á luz do meu astro fagueiro,
Me deslembro do vil captiveiro,
Do azorrague, e do bruto feitor...

Lá da matta na verde cortina,
Imfrigindo-lhe a sacra mudez,
Porque doce gemeu sururina,
Quem tal dó, quem taes dores lhe fez?
Foi á caso que á mãi lamentosa
Os filhinhos comesse a raposa,
Farejando-lhe o ninho no chão?
Ou quem sabe?—O esposo querido
Foi nas unhas atrozes colhido
De faminto, cruel gavião!?..

E como ella retreme os gemidos
Da tristissima lua ao clarão,
Assim eu os meus ais comprimidos
Desabafo na livre soidão.

Minha dôr, como a d'ella, é segredo,
Que meus labios proferem á mêdo,
Alta noite, sosinha, ao luar:
E' soluço, que o peito comprime,
Porque o negro, que chora, tem crime,
Porque o negro não deve chorar!

Triste geme nas mattas a briza,
Mas é livre, mas pode gemer!..
Ledos cantos mais logo improvisa,
Ou co'as nuvens no céo vai correr:
Livremente nos galhos ramalha,
Ou cicia soidoza na palha,
Ou dormida emmudece no val:
Ah! não traz ferreo jugo no collo,
Não tem laços, que a prendam ao solo,
Como a negra—esse vil animal!.....

Em que scismo? Por caso em que scisma
Ao sepulchro pergunta-lhe alguem?
Pois a cova em que sonhos se abysma,
Se a verdade das cinzas contem?
Se do tumulo os podres miasmas,
Condensando-se geram phantasmas,
Que nos enchem o peito de horror:
A captiva se as vezes tem sonhos
São terriveis, são negros, medonhos
Pesadêlos—não sonhos de amor.

Em que scismo? Olha mudo e deserto
O roçado, que além se queimou...
Co'um lençol de alvas cinzas coberto,

E' qual garça, que a flecha varou!.
Altos troncos, e a grama rasteira,
E o cipó, que se abraça á palmeira,
Mais a flôr, que se prende ao cipó,
E o concerto das aves nos ramos,
E da tarde na matta os reclamos,
No silencio lá jazem, no pó!...

E o roçado o que é? O sepulchro,
Onde pouza a floresta, que ardeu;
Porque ardeu? Porque o sordido lucro
Faz que o *branco* até zombe do céo!.
Profanadas taes obras divinas,
Este templo pendido em ruinas,
Que a si proprio o Senhor levantou!
Terreo verme, que mal me descubro,
Nos destroços do vosso delubro,
Porque choro?—Eu, Senhor, o que sou?!...

Mas das ondas de nitida chamma,
Que o roçado prostraram no chão,
Negro fumo no ar se derrama,
Fere as nuvens, desperta o trovão!
Brilha o raio, terrivel estala,
Deus ao mundo cholerico falla
Nos rimbombos dos roucos trovões:
Açoitados confrangem-se os pólos,
Vergam *brancos* imbelles os collos,
Pulsam medo seus vis corações!...

Olinda—1854.

Á MORTE DO DR. EDUARDO OLYMPIO MACHADO.

Que val de sinos, de canhões o estrepito
Longas roupas de dó? Vaidade tudo!
Do peito humilde as orações humillimas
E' que sobem ao ceo...

Por entre as bençãos, que soluça em lagrymas
Um povo inteiro, quanto é bella a morte!
Como o menino, que adormece candido,
Assim elle morreu!..

Os ais carpidos da pobreza pallida,
Das tristes orphans o clamor mais triste
Co'o dos amigos do finado mesclam-se
Nos lugentes salões.

Como uma orchestra de instrumentos consonos
Em tom sentido a salmeiar por mortos,

Taes palpitavam n'essas horas lugubres
Todos os corações!..

Que succedeu? Do justo pela aureola
Trocou do genio a scintillante c'roa...
Partindo altiva o argilloso carcere,
Sua alma aos ceos voou..

Que foi? A mão, que moderava as redeas,
Com tanto tino, ao popular ginete,
E amava dar da charidade o obolo,
Santa palma empunhou......

....

O varão forte, o justiçoso Olympio,
Novo Theseu, que da nequicia os monstros
Sangui-sedentos com os rayos lidimos
Da justiça desfez;

O homem modesto, o seguidor acerrimo
Da honra e virtudes, no esplendor das honras
Sem frouxar o arco da vontade ferreo
Se quer uma só vez,

Oh! tinha o sello, que assignala os genios
Na vasta fronte, a lampejar nos olhos!
Harpa afinada era sua alma limpida
Das dos anjos ao tom.

Calai-vos, pois, calumniadores sordidos,
Que disputaes aos vermes seu cadaver,
As Gemonias são p'ra vos na Historia,
Para elle o Pantheon!..

O CAÇADOR E A LEITEIRA.

(Beranger.)

Com doces cantos a calhandra alegra
De almo dia o vermelho despontar,
O amante caçador segue, oh leiteira,
Meigas fallas de amor has de escutar;
Da primavera as orvalhadas flores
Vamos, oh bella, para ti colher.
—Não, caçador, de minha mãe hei medo
E o meu tempo não posso aqui perder—

Tua mãe por detraz d'aquelle oiteiro
Co'a mimosa ovelhinha longe está.
Olha, aprende, oh leiteira, esta modinha,
Tão bonita na côrte outra não ha;
A moça, que lograr saber canta-la,
Os mais voluveis poderá prender.

—Tambem sei, caçador, modinhas ternas
E o meu tempo não posso aqui perder—

Porque o possas contar, o triste caso
Aprende de um barão mui furibundo,
Que de cioso arrasta a pobre esposa
Viva e bem viva para o outro mundo;
Historia que, narrada em noite escura,
Faz quem ouve de medo estremecer.
—Tambem sei, caçador, contos mui tristes
E o meu tempo não posso aqui perder.

Quero ensinar-te uma oração mui sancta
Com que applaques o lobo esfomeado,
Com que possas zombar das feiticeiras,
Livrar-te de quebranto ou máo olhado.
Bem pode alguma velha malfazeja
Vis maleficios contra ti fazer.
—Não tenho, oh caçador, o meu rosario?
E o meu tempo não posso aqui perder—

Pois bem, vês esta cruz? como é brilhante,
Gravada de rubins de grão valor!
Da moça, que ella ornar, ao lindo seio
Os olhos chamará... cegos de amor.
Será tua, apezar do alto preço;
Mas, vê lá... o que em troca hei de querer!
—Sou vossa, caçador, quanto é formosa!
E o meu tempo não posso mais perder!

MOYSÉS NO NILO.

(V. Hugo.)

«Co'a fresca da manhan mais fresco é o rio,
Vinde, irmans; o ceifeiro inda repousa,
A marge inda está êrma,
De Memphis um murmurio se ergue apenas,
Por entre as ramas só a rosea aurora
Espreita os nossos brincos.»

«Nos paços de meu pai brilham as artes;
Mas, estas flores simples mais me agradam,
Do que os talhados porfidos;
Da natureza eu amo as harmonias;
E á, que trescala em artezãos, caçoula,
Prefiro o olor do zephiro!»

«Vinde! a agoa está tão calma e o ceo tão puro!
N'estas silvas deixae de azues sanefas
Vossos cendais delgados.

Esta c'roa tirae-me e os veos ciosos;
Pois eu quero folgar hoje comvosco
Nas ondas murmurantes.»

«Vamos.. mas da manhan por entre a nevoa
Que vejo... lá ao longe no horisonte?
Não vos assusteis, virgens!
Ha de ser algum tronco de palmeira,
Que, p'ra vêr as Pyramides, os mares
Arrastam dos desertos.»

«Mas, que digo? Se os olhos não me enganam,
De Hermes a barca ou é a concha d'Isis,
Que leve brisa impelle!
Porém, não... é esquife em que descubro
Meigo infante a dormir ao som das vagas,
Como ao collo materno!»

«Dorme; e de longe o leito fluctuante
Semelha o ninho d'alva pomba á tona
D'agoa a boiar sem rumo.
Erra a sabor do vento a infantil cama;
Dorme das ondas ao balanço e o pego
Sua tumba acalanta.»

«Elle acordou; correi, virgens de Memphis!
Chora ! ah, que mãe seu filho entregar pôde
Ao capricho das ondas ?
Move os bracinhos; e a agoa ao redor tôa.
Ah, só tem por muralhas contra a morte
Fragil berço de vimes».

«Salvemo-lo; é talvez israelita.
Proscreveu-os meu pai; que crueldade
Proscrever a innocencia!
Commovem meu amor suas desditas,
Quero ser sua mãi, dar-lhe-hei a vida,
Se não o nascimento.»

Iphis, de um grande rei a esp'rança e o mimo,
Pelas orlas do Nilo divagando,
Iphis assim fallava;
E as lindas damas, que ella inda offuscava,
Quando despia as telas d'ouro, criam
Ver a Filha das ondas.

Ja freme a onda sob os pés mimosos;
Para o menino que geme a piedade
Guia-lhe os passos timidos.
Agarra o esquife! e altiva com tal carga
Na bella fronte o orgulho se mistura
Com o pudor singello.

Cortando as ondas e quebrando as vimes
Ella traz e depõe na fresca areia
O infante, que salvára;
E as demais virgens alternavam beijos
Nas faces do menino, que se extranha
De ver tanto sorriso.

Corre, tu, que, da duvida nos trances,
O teu predestinado filho segues,
Chega como uma extranha;

Vem; Iphis não é mãe; nada receies;
Nem temas que o transporte te atraiçôe
Ao colma-lo de beijos.

Então, em quanto a virgem triumphante
Ao rei feroz levava o infante humilde,
Que a mãe banhara em lagrimas,
Ouviam-se no ceo em choro os anjos,
Que ante o Senhor com as azas se velavam,
Cantando ao som das lyras.

Não mais gemas, Jacob, na terra extranha,
Nem beba tuas lagrimas o Nilo:
Do Jordão as margens abrem-se.
Verá Gessen para a terra promettida
Fugirem, mas que pêze aos seus tyrannos,
As longo-oppressas tribus.

Sob a figura de um menino, salva
Das ondas uma virgem ao rei das pragas,
Ao eleito do Sinai.
Salva a Israel um berço e um berço ao mundo
Ha de remir. Tu, que não crês no Eterno,
Curva-te, humano orgulho!

Á MORTE DE J. B. ROUSSEAU.

(Le Frank de Pompignan.)

Quando o mor cantor do mundo
Nas frias plagas morreu,
Nas quaes o Hebro profundo
Mutilado o recebeu,
Nos montes o Thracio errante
Com seu carpir penetrante
O bosque e o campo atroou;
Seus gritos o ar abalaram,
E nos antros, que echoaram,
Rugindo o leão chorou.

Seu Orpheu perdeu a França....
Musas, erguei-lhe um tropheo
Com toda a pompa e pujança
Que pede o atahude seu;
Oh! fazei novos prodigios,

Deixe brilhantes vestigios,
Tal dia de pranto e dó:
Assim sombreia o jazigo
De Virgilio o louro antigo,
Por vossos cuidados só.

Rousseau, grande e desditoso,
Da vida os ferros quebrou,
E, longe do céo saudoso
Da patria, os olhos cerrou...
Quem lhe causou tantas dôres?
Quem seu caminho de flôres
D'espinhos pôde abrolhar?
Que vida peregrinada!
E que multidão cerrada
De imigos a debellar!

Té quando, mortaes ferozes,
Sereis de fel e rancor?
Serão sempre vossas vozes
Os rugidos do furor?
Duro na cholera minha
Rio da sorte mesquinha
Do meu prostado rival;
Elle se alevanta, e eu caio
A seus pés, do mesmo raio,
Que eu provocara fatal.

Do seio da eterna treva
Erguendo-se a inveja aos céos,
Co'as azas, em que se eleva,
Furta á luz os olhos seus.

Que monarcha, que ministro
Lhe vence o odio sinistro,
Que o tempo a custo corróe?
E' lote nosso a desgraça,
E o heroe, por mais que faça,
Quando morre é que é heroe.

Viu o Nilo os habitantes
Do Sarah negros, sem lei,
Com seus gritos insultantes
Apuparem o astro-rei:
Gritos vãos, loucos furores!....
Em quanto com seus clamores
Aturdem a terra e o céo,
O sol a caterva immunda
De um mar de lumes inunda,
Tranquillo no gyro seu.

SULTÃO E EUNUCHOS.

Onde ha sultana ha eunuchos,
Ha sultão, harens, divans;
Vos dizeis, jovens malucos,
Entre outras mil cousas vans,
Que no baile houve sultana—
Logo houve a mais traquitana.

Que ha eunuchos a milhares
Ninguem o pode negar;
Ha menos aves nos ares,
Ha menos peixe no mar;
Mas sultão ha um sómente,
Se a memoria me não mente.

Venhão punhaes e trabucos
Hei-de a verdade dizer!

Sois muitos... ah! sois eunuchos,
Que sultões... não podeis ser:
Deixa de ser o primeiro
Quem tem igual companheiro.

Vamos, pois, do já provado
Á consequencia final;
São uns trillos de capado
Da capella Imperial
Os versos, ó turba insana,
Que dedicaes á sultana.

No Pará os mamelucos
Não comèm tanta banana,
Como os poetas eunuchos
Fazem versos á sultana;
Mas são versos amputados,
Como os eunuchos—coitados!

E fazem versos *non-senso*
Com tanta e tal profusão,
Que até descantão o lenço,
Que á bella atira o sultão,
Quando até a vil phalange
Discreta, pèga no alfange.

Ponho-me, pois, de franquia
Dos poetas contra a teima,
Aguardando a turba impia
Nas pontas d'este dilemma:
Ha sultana? sois eunuchos;
Não ha? *então* sois malucos.

Á SENTIDISSIMA MORTE DO BRIGADEIRO FALCÃO.

Ah! vibrem, vibrem as tremulas
Cordas do meu alahude
Quaes na torre os dobres funebres,
Que o sino plangente e rude
De triste vibrando está!

Ah! vôem meus ais harmonicos
Nas azas da fresca brisa,
Meus versos corram quaes lagrimas
Dos olhos, que o chôro pisa,
De noiva que viuva é já!...

Maranhão, berço de genios,
Formosa filha dos mares,
Ah! troca por vestes lugubres
As galas de teus folgares,
Ah! não folgues nunca mais!...

Ah! chora que o varão integro
Dos teus filhos o mais forte,
Que as balas provocou rubidas,
Na guerra vencendo a morte,
Venceu-o a morte na paz...

Falcão... destino malevolo
Persegue os filhos de Marte!
Cede á morte em leito inglorio,
Tendo-a visto em toda a parte,
De Arbellas o vencedor:

Cae Pompeu em plagas barbaras
A's mãos de vis assassinos:
De Marengo o heroe, que indomito
Tangia da morte os hymnos,
Morreu!... aos poucos... de dôr!!!

Falcão!... se, vencendo os seculos,
Seus nomes enchem o mundo,
Foi a scena mais esplendida,
Não foi genio mais profundo,
Não foi peito mais viril...

Quem na lide mais intrepido,
Quem mais sisudo no plano,
Quem no vencer foi mais rapido,
Na victoria mais humano,
Que tu, genio do Brasil?

Foi tua espada um prodigio
No referver da batalha,
A morte poisava rabida

No gume, que o sangue orvalha,
Dos que vão morder o chão:

Imbravecido no prelio,
Similhava onça faminta,
Que se rodeia de victimas;
E de sangue toda tincta
Ferve-lhe inda o coração.

E pende inerte o teu gladio
Dês que o punho não lhe aperta
A mão, que o regia valida
Nos estos da guerra incerta,
Onde o teu genio primou.

Ah! desses teus olhos d'aguia,
Onde a victoria luzia,
O lume brilhante e vivido
Que o sol vencer contendia,
Para sempre se apagou!...

A voz que troava rispida,
Como o clangor das trombetas,
Nos casos da guerra varios
Movendo mil bayonetas,
Para sempre...emmudeceu!..

Esse peito—incerro nitido
De mil inquebraveis brios—
Das virtudes tabernaculo,
De impulsos de feitos pios,
Jámais não pulsa... morreu!!

Olinda.

A LUA.

Per tacitæ silentia lunæ.
VIRG.

Bem como no galho tremulo
A flebil rolinha geme;
Ou como a virgem brasilica,
Que o ardor da calma teme,
E na rêde—invento indigena—
Embala o corpo, que a mente
Embalada docemente
Em doces scismas está:

Tal nos ceos a lua candida
Entre os seus raios se libra,
Raios macios, tam placidos,
Que a lua exhala, não vibra,
Raios da luz do alto empyreo,
De que o justo se reveste,

E os derrama no cypreste,
Que a seus ossos sombra dá.

A briza de somno languida
Frouxas canções em vão tenta,
Move acaso as azas roridas,
E a lua as azas lhe argenta:
Que no firmamento esplendido,
Nos silentes horisontes,
Nos fundos valles, nos montes
Arde a lua tropical.

Da matta nas palmas garrulas
Fresco orvalho a noite verte,
E a lua da noite as lagrimas
Em aljofares converte:
Da carnauba as aureolas
São resplendores de prata:
Mais cheiro a rosa desata,
Mais rosas brota o rosal.

Quem não te ama, ó pomba etherea,
Rainha da soledade?
Quem não tem na vida um tumulo,
Ou no peito uma saudade?
Se não paz, tu dás-nos tregoas
Da vida na dura guerra,
E és tam querida na terra,
Quanto formosa nos ceos!

O velho, que, a passos tremulos,
P'ra sepultura caminha,

De infantes o bando lepido,
Que, chamando-te madrinha,
Tua abençam pedem simplices,
Folgando e rindo innocentes,
Não vês, ó lua, não sentes
Que adoram os raios teus?

O rei nos seus paços regios
E o triste, o pobre captivo,
Á porta do seu tugurio,
Acham doce lenitivo,
Quando, ó astro, além te estampas:
Assim se alegram as campas,
Onde rebenta uma flôr!

E o poeta—summo espirito,
Que só de dores se ceva,
E á luz sublime do genio
Do porvir tacteia a treva,
Menos amargas as lagrimas
Bolham-lhe nos seios d'alma;
Pouco a pouco a dôr se acalma...
Milagres do teu amor...

O NARIZ PALACIANO.

Festivaes repicam sinos,
Trôa no forte o canhão,
Correm velhos e meninos,
Ferve todo o Maranhão:
Vem doutores, vem soldados,
E os publicos empregados
Com seu illustre inspector.
Porque accorre tanto povo?
Chegou presidente novo,
Nosso Deus, nosso senhor....

Mineiro para-torresmo,
Ou bahiano carurú?
Seja quem fôr, é o mesmo,
Temos nariz, e elles...

Presidente maranhense?
Que tôlo ha'hi que em tal pense?!
Nem por graça isso se diz...
Indio ou chim, não nos desbanca,
Não ha mais forte alavanca,
Do que um vermelho nariz.

....

....

Feliz tres e quatro vezes
Quem rubro nariz sortiu!...
Nos politicos revezes
Que narigudo affundiu?
Diz errada voz imiga,
Que impera só a barriga
Nos negocios do paiz;
O que a mente minha alcança,
E' que, se o lucro é da pança,
O trabalho é do nariz.

Por isso no grande entrudo,
Que chamam governo cá,
Folga muito o narigudo,
Quando nos chega um bachá:
Pencas agudas e rombas,
Mil elephantinas trombas,
Nesse dia tomam sol:
Qual torreia, qual se achata,
Qual na ponta faz batata,
Qual se enrosca e é caracol.

Bem como na culta França,
Cada qual seus animaes
Leva, cheio de esperança,
Aos concursos regionaes;
Este um carneiro merino,
Aquelle um toiro turino,
Outro um cavallo andaluz:
Tal, quando o madarim salta,
Um por um, a illustre malta,
Seu rubro nariz conduz.

E assim como então é de uso
A chusmada feira erguer
Aos ceos o rumor confuso
Dos que vem comprar, vender;
O anho bala, grunhe o cérdo,
Ornêa o jumento lerdo,
Brioso nitre o corcel;
Tal a turba narigada
Nos trombones a chegada
Festeja do bacharel.

Vem por entre esta harmonia
O da côrte homem cortez,
Faz á esquerda cortezia,
Á dextra mesura fez....
Mil narizes sobem, descem;
(Não de pudor) enrubecem
No furor de cortejar,
Vibram talhos de montantes,
D'essas espadas gigantes
Que Roldão soube jogar...

Na camara do seu palacio,
Vindo da Municipal,
Vê-se o illustre pascacio
Como pisado n'um gral:
Curte comsigo, nem geme,
Que um bom nariz é bom leme
Posto á pôpa.. em bom logar!
Um por um os monstros olha,
Que o trabalho está na escolha,
Do que melhor lhe quadrar.

Por mais que se ponha em guarda
Apesar de quanto diz,
Vista beca ou vista farda
Por força leva nariz...
Porque, diz em consciencia,
Pondo de parte a Excellencia,
Tu, presidente, o que és?
Julgas-te inqualificavel?
És um ente narigavel
Da cabeça até os pés...

Embora prudente e calmo,
Se um nariz de guarnições,
Poder suspender-te um palmo
N'estes tempos de eleições,
Vae tudo comtigo abaixo,
Mais asneiras, que um borracho,
Juro-te que has de fazer...
Pois como do teu officio
Terás o pleno exercicio,
Se suspenso o has de exercer?

Permitta Vossa Excellencia
Que aos sabios ponha a questão,
É caso de consciencia,
É um «quid juris» ratão...
N'estes contractos occultos
Dizei vós, sabios consultos,
Que tendes as leis de cor,
Quem é que fica lesado?
O mui nobre narigado,
Ou o vil narigador?

A. MARQUES RODRIGUES.

Á QUERIDA MEMORIA DE MEUS PAES

FRANCISCO MARQUES RODRIGUES

E

JOSEFA BAPTISTA PEREIRA.

O. D. C.

TEUS OLHOS.

Amo teus olhos que desprendem chammas,
Que o peito abrasam, que nos dão amor;
Amo esse pejo que te sobe ás faces,
Os teus sorrisos, a tristesa, a dôr.

Mas os teus olhos, que são negros-negros,
Fazem render-me sem saber porque:
Minh'alma prendem, meus sentidos matam,
Visões celestes nos meus olhos vê!

Lumes scintillam os teus olhos bellos,
Como as estrellas que no céu estão:
Dizem teus olhos: Meu amor é d'Anjos
E os Anjos dizem: Que formosos são!

Aves descantam nas umbrosas selvas,
A' noite geme o solitario mar,

A lua corre sem toldar-lhe nuvens,
A terra e tudo nos convida a amar.

Como são baixas deste mundo as cousas
Vendo em teus olhos a formosa luz:
Não oiço cantos, não contemplo a noite,
De prata as ondas eu não vejo a flux !

Castos e castos são teus bellos olhos,
Como os das virgens que no céu estão:
Dizem teus olhos: Meu amor é virgem.
E as Virgens dizem: Que formosos são !

Ou scismem cousas da enganosa terra,
Ou Deus, ou Anjos, ou celeste amor,
Amo teus olhos que emmudecem tudo,
Que fallam n'alma com tamanho ardor !

Palmeiras busca o sabiá canóro,
Sombras suaves a palmeira dá,
O orvalho anima a ressequida planta,
A flôr mimosa que pendida está.

Orvalho doce, deleitosa sombra
Teus lindos olhos exprimindo estão.
Dizem teus olhos: Tenho amor eterno.
E diz o Eterno: Que formosos são !

Maranhão—1853.

NO ALBUM DE UM CONDISCIPULO.

O estudo, as artes, e o verdor dos annos
Prendem as almas em suaves nós:
Somos mancebos, conversamos livros,
No mundo ingrato não vivemos sós.

Como a baunilha que circumda a palma,
Como dous astros que se ve'm nascer
Minh'alma sempre viverá comtigo,
Amigos sempre deveremos ser.

Recife—1853.

A UMA SENHORA.

Quem do piano arranca assim as notas,
Apaga em nosso peito a negra dor:
A tristesa cruel foge corrida,
Do céu gosamos nós perfeito amor.

Quando corres na tecla os roseos dedos,
Sentidos prendes, corações, e vida,
Como fada gentil que vence e arrastra
A pobre d'alma, que se vê rendida!

Eu amo a roixa aurora, as nuvens d'oiro,
A lua, o mar, a selva, o prado, a flor;
Porem minh'alma é outra quando tocas,
Porque roubas ao céu perfeito amor.

Quem ouvira soltar tão brando accento
Sentira, como eu sinto, a melodia:

Dissera ser dos anjos doces vozes,
Ou que fôras a deusa da harmonia !

Sim, é deusa quem tem na fronte o genio,
Quem tira, quem desterra a negra dor:
Embora seja a vida um breve sonho,
Trazes do céu á terra a paz, o amor !

A ROSA E A CAMPA.

(V. Hugo).

Diz a campa á linda rosa:
—Das per'las que na manhan
O orvalho em ti deposita
Que fazes, ó flôr louçan ?

Então a rosa responde:
—No teu pego sempre a abrir
Que fazes, ó desgraçada,
Do que está sempre a cahir ?

Eu por mim, ó negra campa,
Quando ao sol encobre um véu,
Das per'las faço perfumes....
—E eu faço anjos do céu !

VINTE E OITO DE JULHO.

(ANNIVERSARIO DA LIBERDADE MARANHENSE).

«Liberdade gentil, vem, nos protege,»
Assim outr'ora nossos pais clamaram.
E surgio a liberdade, e os vis tyrannos
De medo e de terror mudos ficaram.

Da Patria e de Dom Pedro á voz ingente
A' terra de Cabral teve outra sorte.
Dom Pedro nos bradou: Sejamos livres.
Bradaram todos: Liberdade ou morte.

Mãis estremosas, delicadas virgens,
Trazei as palmas, as cheirosas flores:
C'roai a Patria que sorri alegre,
Que diz esp'rança, que nos diz amores.

Já não rufa o tambor, não zunem balas,
Não tinem ferros, não se vê metralha;
Cessou a grita das guerreiras hostes,
A furia insana de cruel batalha.

Onde o sangue correu, e a negra morte,
Viçosa cresce a verdejante palma:
As folhas tremem ao ciciar da brisa,
E o sol ardente não derrama a calma.

Mãis extremosas, delicadas virgens,
Trazei as palmas, as cheirosas flôres:
C'roai a Patria que sorri alegre,
Que diz esp'rança, que nos diz amores.

Deus, e Patria, e virtude, e grandes feitos,
Honraram nossos pais, os nossos bravos:
Socegados na paz, fortes na guerra,
Viveram livres, e jamais escravos.

E assim o Filho do immortal Dom Pedro
Nos leva ao templo da severa Historia:
Mancebo, como nós, conversa os livros,
Ama o valor, as tradicções de gloria.

Mãis extremosas, delicadas virgens,
Trazei as palmas, as cheirosas flôres:
C'roai a Patria que surri alegre,
Que diz esp'rança, que nos diz amores.

Recife--1853.

A FONTE DOS AMORES. (*)

AO MEU AMIGO A. GONÇALVES DIAS.

> Vêde que fresca fonte rega as flôres,
> Que lagrimas são agua, e o nome amores.
>
> (CAMÕES.)

Do Mondego á fresca margem
Corre ainda a fonte limpida,
Que sempre correndo está;
Que viu Ignez, que viu Pedro,
Que viu amor, que viu lagrimas
Tão puras como não ha.

Foi alli que Ignez formosa,
Soltando do peito as maguas,
A triste vida acabou;

(*) A fonte dos amores está na quinta das lagrimas, á margem do Mondego, defronte de Coimbra. Cedros gigantes derramam-lhe sombra, a veia d'agua é limpida, e o musgo, imitando sangue coagulado, cobre-lhe as pedras.—A imaginação poetica do povo julga que o musgo das pedras é o sangue da linda Ignez.

E desde então os amores
As azas bateram timidos,
E triste a fonte ficou.

Como ao sol do estio ardente
Murcha e pende o branco lirio,
Assim a fronte pendeu:
Como o ferro que traspassa
O peito da pomba candida,
A morte o punhal lhe deu!

Nem os filhinhos mimosos,
Nem os olhos, nem os labios,
Nem da belleza o primor,
Nem os soluços e o pranto
Venceram vontades rispidas,
E do algoz o rancor!

Já no seio de alabastro
Rebenta-lhe o sangue tepido,
E a morte chegando vem:
A côr das faces desbota,
Os braços descahem languidos,
A fronte, o corpo tambem...

E hoje ainda ao pé dos cedros
Corre a fonte, e as manchas lividas
Do sangue no fundo estão:
Quando a lua rompe as nuvens,
As aguas scintillam tremulas,
Fallam d'Ignez a paixão.

Recife—1853.

LUGARES.

Ha lugares formosos na terra,
Onde crescem as flores a mil,
Onde o vento sussurra nos bosques,
Onde canta a avesinha gentil.

E na terra ha lugares ainda
Mais formosos, mais doces que são:
Onde reina a sublime verdade,
Onde morre a mentira, a illusão.

E os lugares que prendem minh'alma,
Que desprendem torrentes de luz,
Lá estão onde estão negras campas,
Os ciprestes, os goivos, a cruz!

MEUS AMORES.

A ti! ai, a ti só os meus sentidos
Todos n'um confundidos
Sentem, ouvem, respiram;
Em ti, por ti, deliram.

FOLHAS CAHIDAS.

É morena a côr do jambo,
É vermelha a côr da rosa,
Lindas são ambas as cores;
Mas a tez dos meus amores
É mais linda, é mais mimosa!

Á noite que de perfumes
Não recende a caneleira,
As folhas, o fructo, as flores!
Que importa? nos meus amores
Fragrancia ha mais verdadeira!

Ao luar, em alta noite,
O som da flauta me inspira.

Muito bem. Desses primores
Tambem mostra meus amores:
Minh'alma, ouvindo-a, delira!

Do ábio o mel é gostoso,
O ananaz a mais não ser:
Mas a par desses sabores
Os labios dos meus amores
Farão a vida esquecer!

Ai, vida da minha vida,
Se me chegar aos teus braços
Morrerei... e meus ardores
Morrerão por ti, amores,
Em phreneticos abraços!

Recife—1853.

O BRASIL.

Os templos soberbos da Grecia formosa,
E os arcos de Roma, de Roma orgulhosa,
Não cobrem, não ornam meu patrio Brasil:
Estatuas não temos, primores das artes,
Mas temos os bosques por todas as partes,
E as verdes palmeiras viçosas a mil.

Os rios gigantes, as limpidas fontes,
As flores, os fructos, os prados, os montes,
Esmaltam, protegem meu patrio Brasil,
E o canto das aves na selva escutamos,
E o sol não tememos, e a sombra buscamos
Nas verdes palmeiras viçosas a mil.

As Venus, as Graças, os loucos Amores,
Celestes no marmor, na forma, nas cores

Não temos, não temos no patrio Brasil;
Mas temos as virgens d'olhar expressivo,
De rosto moreno, caracter altivo,
E as verdes palmeiras viçosas a mil.

E virgens e homens e bosques e mares
E tudo que vive na terra, nos ares,
É bello, é sublime no patrio Brazil:
Azul é o céu, as florestas frondosas,
Valentes os homens, as virgens mimosas,
E as verdes palmeiras viçosas a mil.

Recife—1853.

SAUDADES.

Vejo o mar, o céu, estrellas,
A terra, as mimosas flores:
Tudo vejo, mas não vejo
Esses teus olhos, amores:

Ruge o mar, scintilla a estrella,
Perfumes recende a flôr:
Mas que importa ? se estaes longe,
Longe de mim, meu amor !

Recife—1854.

NO ALBUM DE UM AMIGO.

Se meiga virgem de suave gesto
Versos quizesse nesta branca folha,
Versos fizera, porque as Musas rendem
Preito á belleza.

Olhos rasgados que de amor nos matam,
Pretos e pretos como a côr da noite,
E as leves tranças que perfumam brisas
Então cantára.

Tambem cantára desmaiadas faces,
Que são ás vezes purpurinas rosas,
Quando lhes sobe natural vergonha,
Ou casto pejo.

Tudo cantára, e o sorriso brando,
E a boca breve, e o torneado collo,

D'al'bastro o seio, a delicada cinta
Como a palmeira.

Mas não é virgem que me pede versos
Com gesto brando, com suave riso;
Não é a virgem que apparece em sonhos,
Como um archanjo.

Porém, amigo que me prende a vida,
Em doces laços, em prisão jucunda:
Em vez de myrtos e mimosas flores,
Baste meu nome.

Recife—1852.

A RESURREIÇÃO.

Surrexit... sicut dixit
S. MATH.

Largai, céus, ó terra lugubre,
O véu da negra tristeza:
No templo os sagrados canticos
Louvem do Eterno a grandeza,
Que da Igreja o Esposo candido
Pôz-se em pé, ressuscitou!

Que valeu aos guardas impios
Velar sobre a sepultura?
Desce á terra um anjo fulgido,
Rompe da noite a espessura,
E, tirando a campa gelida,
Firme na campa ficou.

E como a luz do relampago
Tinha o rosto. E tinha as côres

Da neve o vestido rutilo,
E viu as intensas dores
Das santas mulheres timidas,
Que hiam a Christo buscar.

E fallou: «O Deus fortissimo
Não'stá aqui. As suas vestes
Ahi estão e o seu sudario.
Elle, mulheres celestes,
Ressurgiu envolto em gloria:
Vinde ver o seu lugar.»

Como é grande este prodigio,
Que de portentos exalta !
Deus confunde o povo estollido,
Treme a terra, a pedra salta,
Cahe por terra o guarda attonito,
Surge da campa o Senhor !

Do Senhor á omnipotencia
Tudo cede, o céu, e a terra.
Quer a luz? A luz derrama-se.
Quer a paz? Dissipa a guerra.
Dá aos homens Fé benefica,
A Esperança, a Paz, o Amor !

Recife—1854.

A MINHA ROSA.

Que mimos não tinha a rosa,
A rosa que Deus me deu!
Ai que pena! a côr singella,
O aroma, as graças perdeu!

Não treme o ramo agitado,
A flor orvalho não tem,
A furto a brisa da tarde
Beijar-lhe as folhas não vem!

E desbotada em meu peito
Quero ainda a pobre flor,
Quero ter meigas saudades,
Ai que saudades, que amor!

10

A RAINHA DA FESTA.

(IMPRESSÕES DE UM BAILE.)

—Que anjo es tu?
Em nome de quem vieste?
Paz ou guerra me trouxeste
De Jehovah ou Belzebu?

GARRETT.

«Eis a rainha da festa,
A sós comigo dizia:
Oh meu Deus que linda testa,
Que tez—no olhar que magia!
Dos olhos negros formosos
Scintilla a chamma de amor,
Dos labios rubros mimosos
Ai que phrase, ai que pudor!
Dos anjos a formosura
Assim no céu deve ser:
Ai no gesto que ternura,
Ai que celeste mulher!»

E festiva brada a orchest'a
Em torrentes de harmonia:
Sons e luz e flor e festa
Infundem n'alma alegria!
—Nos rostos brilha o prazer,
E surge o louco dançar:
Adeus, ó negras tristezas,
Não tendes hi que fazer,
Saltai, saltai, ó bellezas,
Viva a quadrilha, o walsar!

Onde foi a linda amada,
Que prende meu coração,
Essa rosa perfumada
Que rompe ainda em botão?
—Ei-la—vêde-a que doudeja;
Ebria, delira na dança,
E julga que mette inveja,
Que de amor o premio alcança!
Como ergueu e abaixa o braço,
Como se curva a mesquinha,
Parece voar no espaço
E ser da festa a rainha!

Embora. Extinguiu-se a chamma
Do meu innocente amor:
Ai de ti! já não me inflamma
O teu fingido pudor.
És outra. Como se estreita
Nos braços do novo amante:
É qual serpente que espreita,
Fere e mata o caminhante

O fogo que tens no rosto
Não representa a candura:
Curva embora a fronte impura,
Já não sou teu, não és minha.
Ateia, devora, é solto
Esse amor fero, brutal
Que reluz no teu semblante:
Adeus, amor virginal,
Viva o seio palpitante,
A espadua nua que salta,
A trança que se desata,
Viva da festa a rainha!

Recife--Novembro 1854.

A MORTE DO MENINO HORACIO.

Á EXM.ª SRA. D.****

O Anjo da morte as azas
No teu filhinho roçou;
Nos labios não brinca o riso
Pallido o rosto ficou!

Não chores, mãi delicada,
Ao ver da morte o pallor:
É mais um anjo formoso,
Voando aos pés do Senhor,

E lá na patria divina
A gloria o anjo bemdiz,
Lá onde as cheirosas flores
Mostram eterno matiz.

E lá, nos braços da Virgem,
No aroma, na luz, na flor,
Ha de louvar o teu nome,
O teu maternal amor.

E dirá: «Nos ceus e terra,
Senhor, teu rosto reluz:
Dás á rosa o fresco orvalho,
E ao sol o calor e a luz.

E no ceu os pequeninos
Abrasam-se em teu amor,
E cantam, batendo as azas,
Hosana, Hosana ao Senhor!»

NOVE DE DEZEMBRO.

(Á MORTE DE ALMEIDA GARRETT.)

> Ei fu; siccome immobile,
> Dato il mortal sospiro,
> Stette la spoglia immemore
> Orba de tanto spiro,
> Cosi percossa, attonita,
> La terra al nunzio sta.
>
> MANZONI.

Vem colher os goivos funebres,
Filha do céu, ó Poesia,
Que o cantor mimoso, ingenuo,
Garrett, o rei da harmonia,
Já não solta a voz etherea;
Ai triste de nós.... morreu !

Portugal, desfeito em lagrimas,
Chora o filho bem amado
Que herdou de Camões a gloria,
E o mundo, que o vê prostado,
Vê que a morte rasga a purpura
Que ao genio Deus concedeu !

Lá dentro do negro tumulo
A cruel esmaga ufana
Os mantos, o septro, o gladio:
Que é sorte da raça humana,
O guerreiro, e o homem pavido,
Morderem todos o chão!

Mas não póde ao sacro genio
As mãos lançar atrevida:
É de Deus a chamma limpida,
Que o genio desprende em vida,
Que deslumbra a terra attonita,
Que lança eterno clarão.

Assim pois a Fama aligera
Do Garrett exalta o nome,
E diz: «Que de palmas viridas,
Grinaldas, alto renome
Colheu em honra da Patria
Que orgulhosa o viu nascer!

Foi elle que á virgem timida
Canções de amor descantava,
E de avós o culto egregio
Na lyra eburnea sagrava;
E brandos, celestes canticos,
Celestes a mais não ser!

Calçando o cothurno tragico,
Pranteou na patria scena
De *Souza* a cruel catastrophe,
Assim como em tuba amena

Cantára de *Branca* as maguas,
A belleza, e o casto amor.

E a Camões, vate grandiloco,
Em versos cantou ousado,
E, vendo a feliz audacia,
Não sabe o mundo espantado
Qual dos dous foi mais explendido,
Quem foi o melhor cantor!»

Maranhão—1855.

O ROUXINOL.

(VITORELLI.)

Olha que lua formosa,
Olha que noite serena:
Não sussurra a brisa amena,
No ramo não treme a flor!

E, solitario na selva,
O rouxinol gira, gira,
E de saudades suspira,
Chamando o formoso amor.

Apenas a amante o escuta,
Salta de um ramo a outro ramo,
E diz ao doce reclamo:
Não chores: estou aqui.

Minha Irene, que gemidos,
Que meigo amor tão mimoso:
Só eu não sou venturoso,
Nunca respondeste assi!

Março—1855.

A REVISTA NOCTURNA.

A MEU PRIMO E AMIGO DR. J. SOARES D'AZEVEDO.

(Imitação de Zedlitz.)

Á meia noite, quando todos dormem,
E ladra á lua o solitario cão,
Ouvem-se rufos: um tambor estranho
Acorda os mortos que enterrados são!

Das negras campas apressadas surgem
Hostes guerreiras, que tiveram fim:
A caixa rufa repetidos rufos,
Retumba ao longe o marcial clarim,

Da Italia bella nos fecundos campos,
Da Russia fria no terreno atroz,
No Egypto ardente, na briosa Hespanha,
Repetem échos do instrumento a voz.

Os bravos formam as tremendas filas,
Quė ao peito incutem natural pavor;
Não correm, voam, os corceis fogosos,
Que a espora incita ao desmedido ardor,

Os alvos ossos ao luar reluzem;
—Tremem penachos que formosos são;
—As armas tinem;—os cavallos rincham,
Mastigam freios, escarvando o chão.

Entre mil vivas, o famoso Chefe,
Eis que da campa ressurgindo vem:
Não traz divisas no casaco branco,
Move impassivel o corcel que tem.

Seguem-no ao lado os marechaes valentes,
Que a morte arrostram, que não te'm temor:
Ney destemido na refrega intensa,
Murat fervendo em marcial ardor.

Erguem soldados as luzentas armas;
Beijando a terra o pavilhão está,
E o Chefe exclama: «A denodada França
Eterna gloria nas nações terá! »

—

E' a revista que o moderno Cezar
Passa aos guerreiros que enterrados são:
Á meia noite, quando os vivos dormem,
E ladra á lua o solitario cão!

A UMA ROSA.

Minha rosa perfumada,
Não deixes o Beija-flor
Beijar a folha agitada,
Provar do mel o sabor !

Bem o sei, elle é formoso,
E tu não podes negar
O beijo ardente, amoroso
Na rubra face a escaldar...

Que importa as côres que veste,
A fulgida côr do rubim,
A esmeralda, o azul celeste
Nas azas tremendo emfim?

Quem vôa de rosa em rosa
Amor, constancia não tem:

A chamma de amor mimosa
Ardendo em silencio vem....

Ai não sejas imprudente,
Ó gentil, mimosa flor:
Ao voluvel não consente
Provar do mel o sabor!

Maio—1855.

ESTE MUNDO.

Ai meu Deus, ai que vida, ai que mundo,
Que minh'alma fascina, seduz:
Surge a aurora, descantam as aves,
Fogem trevas, derrama-se a luz!

Quando o sol vai descendo nos montes,
É formosa das nuvens a côr:
Uma é branca, outra azul, outra roixa,
Todas, todas nos fallam de amor.

E depois vem a noite serena,
E as estrellas que fulgem no céu:
Espelhando-se a lua nas aguas
É formosa qual virgem sem véu.

Nos coqueiros a brisa sussurra.
Tremem, tremem as ondas do mar,

E qual fino diamante scintillam
Esses astros que vejo brilhar.

Ai de mim, apezar dessa pompa,
Um cadaver inerte serei:
Esse mar, essa lua, essas nuvens
Não por certo na campa verei!

Minha amante abraçando-me o corpo,
Ai, gelada verá minha mão:
Ao amor serão mudos meus labios,
Insensivel o meu coração!

([illegible])

. . . .—1854.

A * * *

(POESIA HESPANHOLA.)

Porque triste me contemplas,
Dulcissima pomba,
E languida suspiras?
Porque em teus olhos transparente corre
Essa lagrima casta,
Que teu pezar traduz, tua ternura ?
É causa disso a minha dor profunda ?
Pois escuta, querida:
Queres dar-me o prazer, a dor tirar-me ?
Não chores não por mim; desprende o riso;
Pois se no leito moribundo eu fosse,
E visse o teu sorriso,
A luz do meu amor, tão feiticeira,
Talvez que não morresse, antes vivêra !

A VERDADE, A JUSTIÇA, E O BELLO.

(TEGNER.)

Modelam facilmente os homens fortes
O mundo á sua espada,
E pode a Fama soltar ingente vôo,
Qual aguia desmedida.
Mas no prelio nem sempre a espada fina
Em sangue se embriaga,
E no rijo tinir salta em pedaços:
Das aves a rainha
As densas nuvens rasga, e quantas vezes
Do sol aparta os olhos,
Esmorece, fraquêa, cahe por terra!
Dos tyrannos o fructo
Não vinga um só instante, e morre e passa
Qual vento do deserto.

A verdade é quem reina. Sempre eterna
Os combates arrostra:
Dos tyrannos não teme as negras iras
O algoz, o ferro, o fogo:
Não descora, não treme, o céu procura,
E no céu, e no mundo,
E no tempo veloz corre o seu verbo.
Tambem reina a justiça,
Immortal e sagrada. Embora as flores
O máu no chão as pize,
A verde folha dispa, o tronco abata,
Ninguem arrancar pode
A profunda raiz, rica de seiva.
O mal adorem todos,
Que podemos guardar do bem a imagem.
É tenaz a vontade
Que do homem destemido o peito busca:
Armas veste a justiça,
Perseguida a verdade a voz levanta,
Os povos se transformam,
A dor fica esquecida, as palmas surgem.
E tu, anjo querido,
Sacro-sancta Poesia, que traduzes
A belleza divina,
Tambem és immortal. Não te assemelhas
Das flores ao perfume:
Se concebes o bello, eterno vive,
Cada vez mais pomposo,
E nas azas do tempo a chuva d'oiro.
Scintillante sacodes.
Á verdade sublime o homem prenda-se,
Sustente-se a justiça,

Festejemos o bello. Entre os humanos,
Essas prendas celestes
Hão de sempre existir, sempre formosas:
Aquillo que é da terra
Á terra voltará e nunca morrem
Os principios eternos.

Recife--1854.

Á MORTE DO REDEMPTOR.

(MINZONI.)

(A M. N. Machado Portella.)

Quando Jesus no ultimo lamento
As campas abalou e a pedra e o monte,
Adão, cheio de susto e somnolento,
Do sepulcro surgiu—ergueu a fronte.

Lançando os olhos turvos no horisonte,
Ao ver tamanho assombro poz-se attento:
Desse prodigio quiz saber a fonte,
Quem era que na cruz via sanguento.

Logo que soube o caso lastimoso,
Maldizendo o infeliz a negra sorte
Afflicto cobre o rosto, pesaroso.

E voltando-se á timida consorte,
Assim diz soluçando, em ar queixoso:
Por ti eu dei ao meu Senhor a morte!

22 de julho de 1855.

A' SAUDOSA MEMORIA DE RAYMUNDO ALEXANDRE VALLE DE CARVALHO, JUIZ DE ORPHÃOS E AUSENTES, ARREBATADO NA FLOR DOS ANNOS POR UMA FEBRE PERNICIOSA.

Nacaradas imágines de gloria
Coronas de oro y de laurel, pasad.
ESPRONCEDA.

Da morte o archanjo desdobrou as azas,
E tocou-te de leve, e a triste vida
Trocou-te em branda paz, em gloria eterna,
Em fortuna celeste.

Viste do archanjo as luminosas roupas,
A flammejante espada, e o turvo aspecto:
Por certo ao vê-lo estremeceu-te a carne,
E assombrado ficaste!

Nessa lucta cruel o corpo exhausto
Reclinado cahio, e o forte espir'to,
Expulso o pó terreno, o lodo impuro,
Voou aos pés do Eterno.

Foi breve o teu viver. Aqui no mundo
A taça do prazer tocaste apenas.
Da patria o azul celeste, e a verde palma,
Não contemplam teus olhos.

Arde no templo o incenso, e o branco fumo,
Rico de aroma, n'um instante foge,
Assim o homem nasce e o fragil barro
Pouco a pouco desfaz-se.

Na terra fica a terra, e ao céu remonta
A sagrada virtude em azas de ouro:
O verme volta ao verme, e nunca morre
A centelha divina.

Quantas vezes na selva o rijo vento
No páu d'arco saccode a verde folha!
Corre a seiva no tronco e a flor dourada
Novas galas ostenta.

Sedento de ambição procure as palmas
Na batalha o guerreiro. A fina espada
Embriague no sangue, e varra o fogo
O palacio e a choupana.

Na pedra calcinada, junto aos craneos,
Assentado o pastor contempla o gado.
Partida a espada, emmurchecido o louro,
Assim a gloria passa.

O constante varão que não desmaia
Ao ver na mão do algoz luzir o ferro,

E a casta esposa e a delicada virgem
Assim na terra passam.

Invisivel obreira, a fatal morte,
Caminha sem cessar, e piza o campo,
E a cidade atravessa, e galga os mares,
E a fouce não descança.

No céu resplende o sol, murmura a brisa;
Na selva a flor desprende o mel e o aroma;
Junto da prole o sabiá gorgeia
Maviosos trinados.

Mas ai ! a morte passa e a flor mimosa
Descora, perde o cheiro, e murcha, e pende:
O céu é sempre bello, mas na selva
O cantor emmudece !

Assim, amigo meu, deixaste o mundo.
Nas azas da virtude ao céu subiste:
Por ti o pranto corre e a cara esposa
Abraça o teu sepulchro.

E na patria divina o puro archanjo,
Que teus passos guiou na terra ingrata,
Banhado em luz fulgente aos pés do Eterno,
Dirá estas palavras:

«Quebrou-se a argilla, e o immaculado espir'to
Ei-lo a teus pés, Senhor! O homem justo
Por quem a viuva chora e o pobre orphão
Na terra atribulados.»

Maranhão, 18 de março de 1859.

O CURUPIRA.

AO DR. M. J. MACEDO SOARES.

De dia não busca a estrada
O guerreiro Curupira,
Porque dorme a somno solto,
Á sombra da sucupira.

Mas de noite, quando a lua,
Prateia as aguas da fonte,
E a fresca brisa sussurra,
Ei-lo que surge do monte.

Montado n'uma queixada,
Rompe do bosque a espessura;
Da onça não teme as garras,
Tendo tres palmos de altura !

Da jandaia a verde pluma
Na fronte reluz, ondeia:
O arco, as pequenas flechas,
Garboso nas mãos meneia.

Assim anda, pula, e corre
De noite pelas estradas,
E apoz si em tropel marcha
Uma vara de queixadas.

O grunhido, o som dos passos,
O trilhar dos rijos dentes,
Quebranta a mudez da selva,
Acorda os pobres viventes.

Pula aterrado o macaco,
Verga a folha das palmeiras:
Sahe a cutia da toca,
Foge no matto ás carreiras.

Quando encontra o Curupira
No caminho um viandante,
Pára depressa, e atrevido
Oppoem-se a que marche avante.

Irado, solta do peito
Agudo silvo estridente,
E logo em volta se ajunta
A sua guerreira gente.

Os olhos tornam-se brasas,
Poem-se em ordem de batalha:

A queixada amolla os dentes,
Que ferem como navalha.

Ai ! do pobre caminhante,
Se o terror o tem tomado:
Perde a falla, fica escravo,
Sendo em porco transformado !

Mas, se investe os inimigos,
E de nada se apavóra,
De repente o Curupira
Pelo valor se enamora !

Da peleja cede o campo,
E reparte o seu thesouro:
Ricas pedras de brilhantes,
Rubis, esmeralda, e ouro !

Maranhão—1861.

RETRATO.

Se eu fôra pintor, senhora,
Viria aqui copiar
A mulher de meigo olhar,
Como a Santa que se adora,
Entre flores, no altar.

Da trança o negro matiz;
Do rosto a morena côr;
Da mocidade o frescor,
Eu pintaria feliz
Na téla, com todo o amor.

Mas o retoque final
Do meu retrato, senhora,
Mais bello que a bella aurora,
Beijando a flor no rosal,
Que o tempo cruel devora:

Seria certa expressão
Nos olhos—santo signal
Da só belleza ideal,
Que arder faz no coração
O casto amor conjugal.

Maranhão 4 de janeiro de 1862.

G. H. D'ALMEIDA BRAGA.

Á MINHA MULHER

E

A MEU FILHO.

O. D. C.

ELOÁ.

(CONDE ALFREDO DE VIGNY).

Fragmento.

No tempo em que Jesus viveu no mundo
Para salvar do peccado a humanidade
Nasceu na terra um anjo, sem segundo
Na graça, na belleza e na bondade.
Cercado do socego o mais profundo
Tinha Jesus deixado com humildade
Os muros de Bethánia; exul vinha
E mais a turba que lhe após caminha.

Com lento passo o campo atravessava,
Ora o sustendo para consolo e prece;
Posto á beira da estrada, alli tomava
Por symb'lo o campo e a madura messe;

Ou parabolas dizia e licções dava
Qual a do máo pastor, que nos off'rece
Exemplos como a ovelha desgarrada
Ou do Samaritano a narração pensada.

Proseguindo depois n'essa conquista,
Que foi só mansidão e só brandura,
Jesus aos cegos lhes foi dando vista
E ao leproso saude e formosura.
Á filha de Chanan deu entrevista,
Ouvindo-a em seus pedidos de amargura;
A infancia abençôou e a certa estrada
Ensinou a que d'ella era apartada.

Todos, dando-lhe pranto em despedida,
Iam após si deixando esses logares,
Onde em desterro, pena immerecida,
Ficava aquelle a quem se ergueu altares.
Era filho do homem; e bem cumprida
Fôra a ordem de edictos regulares.
Sahido d'entre os seus, a prophecia
Em nada, sim, em nada não mentia.

—

Os amigos de Christo na Judéa
Ora viam da vida o fim chegado,
Fim que elle havia na sublime ideia
Por uma e muitas vezes retardado.
De Lazaro foi-se a vida, que inda cheia
Era de amor e fraternal cuidado.
Mas, o amigo de Christo não morria
Tendo elle mais poder que a morte fria.

Partiu Jesus á noite e foi seguido
Pelas irmans do morto, a cujo abrigo
Deveu elle o descanso permittido
A quem foge da trama do inimigo.
Tudo para as irmans era perdido—
Em vão dizia Christo—dorme o amigo !—
Elle, o filho de Deus, vendo o sudario,
Chorou tambem da morte no sacrario.

Lagrima sancta e augusta, não cahiste
No turbilhão do vento, sendo dada
Em signal de amisade ao morto triste.
Na urna dos archanjos, resguardada
Á vista dos mortaes, sim, te sentiste
Cahir tal como o rócio da alvorada.
E ao céo foi conduzida a maravilha,
Que entre as luzes do empyreo inda mais brilha.

Do Padre Eterno a vista compassiva
Á lagrima deu luz, acção ao pranto.
Deu alma e vida áquella essencia diva
O poder, que pertence ao Esp'rito-Sancto.
Qual o incenso, que arde á força viva
Dos raios com que o sol adorna o manto,
Se transforma e converte em fogo puro,
Fogo vermelho e claro e nunca escuro,

Assim do fundo da urna diamantina
Viu-se uma branca forma levantar-se,
Bella, mimosa, pura, alva, divina,
Pouco a pouco nas formas augmentar-se.
Ouviu-se de uma voz quasi infantina

O nome que á belleza aprouve dar-se:
Era Eloá ! e o anjo, que surgia,
—Aqui estou!—com voz meiga respondia.

—

Em rico adorno para Deus caminha,
Como a noiva que ao templo é conduzida.
A fronte é bella e pura qual florzinha
Que co'o nome de lyrio é conhecida.
Cobre-a ceruleo véo, que bem se alinha
Aos contornos da fronte embellecida;
E as finas dobras vão-se alevantando,
Mui levemente os ares agitando.

São seus cabellos louros repartidos
Em molles crespos, que, co'o ar brincando,
Semelham brandos raios espargidos
Por um astro, que á noite vai errando.
Rosa vermelha aos lumes despedidos
D'alva, que em ceo azul vem despontando,
Não tem do rosto do gentil archanjo
O pudor virginal, proprio de um anjo.

De seus formosos olhos a doçura
É mais meiga que a branda luz da lua,
Quando aclara do bosque a espessura,
Correndo pelo espaço quasi nua.
As azas são de argento e só brancura;
Sob a pallida veste, que fluctua,
Ora seus brancos pés se vão mostrando,
Ora tambem ás vistas se occultando.

O seio, que se agita e é visto apenas,
Os contornos levanta do tecido
Celeste aonde ás cores mais amenas
Vê-se o fino trabalho reunido.
Mulher e anjo nas feições serenas,
Linda como no ceo não tem havido,
Unindo á pura essencia dos amores
Primor divino e da belleza as flores.

Quando á terra baixou em tempos idos
O archanjo Raphael, tão bondadoso,
Contou a quem lhe deu crentes ouvidos
Este mysterio e caso tão formoso.
Ao ceo onde só moram bem-queridos
Ninguem levou maior praser e gôso,
Ninguem, nenhuma d'essas formas bellas,
Que Deus aos anjos deu o amar e vê-las.

1862.

S. JOSÉ DE RIBAMAR.

(LENDA DE ANTIGAS ERAS.)

Se quiserdes ouvir uma historia
Do bom tempo, que morto já é,
Vou contal-a tal como a memoria
D'este povo guardou-a com fé.
Não é mytho, mas vera legenda
De um successo, de cousa estupenda,
Serio caso de muito pasmar;
Não mentira, verdade sincera
Este facto, que outr'ora se dera
Para gloria dos Santos de altar.

Toda a vossa attenção será pouca;
Quero tê-la e o silencio maior.
Que nenhum d'entre vós abra a bocca
Por fallar quando falla o cantor.

Não é d'homens a lenda, que agora
Vou contar-vos, pois ella memora
Dois milagres que fez S. José.
Sancto foi de prodigios immensos!
Bem merece queimar-se-lhe incensos,
Que elle inspira a mais valida fé.

Escutai; um navio veleiro,
Creio ao certo que foi Portuguez,
Demandava o torrão Brasileiro,
Ha bem annos, ha sec'los talvez.
Vinha em busca de um porto nascente,
Que foi seu, mais que a bellica gente
Fez render-se ás bandeiras de liz;
Que depois, conquistado de novo,
Foi asylo de Affonsido povo,
Tendo o nome do Franco S. Luiz.

Do navio o piloto ignorante
Por caminhos errados seguiu,
Quando, envolto n'um mar arrogante,
Entre duas bahias se viu.
Toma á esquerda no rumo sabido
E com pasmo julgou-se perdido
Por ter visto o navio bater
Sobre um sêcco de areia trahidora,
Que, em baixando a maré, surge fora,
Vindo ao pé do canal fenecer.

Era o vento bem fresco, dem buro,
Era crespo, era indomito o mar;
Tinha o ceo o cariz muito escuro,

E o trovão tinha crebro estrondar.
O navio, adornado e fendido,
Roto o leme, de velas despido,
Já cedia do mar ao furor.
Foi então que a maruja assustada
Fez promessa bem crente e sagrada
Dos bons Sanctos de altar ao melhor.

Se o perigo ao navio cessasse
E podesse elle avante seguir
Até onde seguro ancorasse,
Posto aos ferros da prôa a cahir,
Do bom Sancto, que foi pai de Christo,
Só em nome, sabei-lo, está visto,
Mandariam uma imagem buscar,
Para ser collocada na ermida,
Que elles viam na ponta atrevida,
Que alli cresce e se enterra no mar.

Mal o voto foi feito e jurado,
Tudo á calma, á bonança voltou.
Fez-se um lago o mar alto e cavado,
Vento rijo—tufão que passou.
Já no céo brilha o sol scintillante;
E o navio, aprumado n'um instante,
Arfa e joga sem p'rigo já ter.
Segue ufano, caminho direito,
Passa o mar, passa rapido o estreito,
Corta as ilhas e o porto foi ver!

A maruja era gente chrismada,
Não de filhos increos do Alcorão.

Cumpriu prompta a promessa jurada
Para gloria do povo christão.
De Lisboa uma imagem foi vinda,
Mui perfeita, bem grande e mui linda,
Viva copia do bom Sam José.
Foi levada á capella que alveja,
Como nitida e candida igreja,
Pharo augusto a quem impio descrê.

Desde então foi votada ao seu culto,
Té o nome do sancto tomou.
Alli está, alli mostra o seu vulto
Como a garça, que em terra pousou.
Pelo nome do sancto chamada,
Foi a ponta no mar levantada
Mais a larga bahia tambem.
De um milagre tão grande como este
Guarda o povo a memoria celeste,
Pois que n'elle a maior crença tem.

Mas, aqui não se acaba o meu conto,
Que inda tinha uma cousa a dizer.
Já suppunheis que eu ia bem prompto
Final ponto ao meu conto fazer?
Nada, nada; prosigo na historia
Pois que o sancto ganhou mor victoria
No seguinte milagre que fez.
Vou conta-lo e prometto ser breve;
Quem quizér agradar no que escreve
Deve as cousas dizer de uma vez.

Posta a imagem na candida ermida,
Tendo velas em torno do altar,

Por alguem foi d'alli condusida
Alta noite para outro logar.
Era este a matriz de uma villa,
Que, d'alli bem distante, tranquilla
Começava a brilhar de esplendor.
Traça foi de um christão invejoso
Por julgar que o mais commodo pouso
Era ao Sancto n'um templo maior.

Por milagre passou este caso,
Todo o povo da villa o jurou.
D'este ensejo, ou, se querem, d'este azo
Houve alguem que um partido tirou.
Disse logo que a villa devia
Ser chamada do—*passo*—que havia
Feito a imagem do Sancto José.
Foi feliz esta sancta lembrança!
Deu-se logo a mais séria trigança
Em fazer-se o baptismo com fé.

Mas, o sancto de genio teimoso,
Bem querendo esta fraude punir,
Sai da igreja por tempo hynvernoso,
Sem que um astro estivesse a luzir.
La da ermida vai certo caminho,
Firme avança, prosegue sosinho,
Té que á ponta chegou afinal.
Diz a lenda que vinha suado,
Que trazia o roupão bem molhado,
Pé descalso por vero signal.

Novo pasmo, milagre de novo!
Este, sim, foi bem grande, oh, se foi!

Qual se um homem nascesse de um ovo,
Ou sahisse a montanha de um boi.
Mas, aquelle, que ousára a principio,
Sem deixar uma sombra, um indicio,
O mais leve vestigio se quer,
Dar ao facto a mais celebre origem,
Foi tomado de ardente vertigem,
Novo roubo jurou de fazer.

Era um serio e renhido combate
Entre as forças do homem e de Deus,
Ceo e terra n'um rigido embate,
Lucta altiva entre a terra e os ceos.
Outra vez foi a imagem arrancada
Lá da ermida, á matriz foi levada
Por mãos cegas de um cego christão.
Nos dous lados nascera a porfia,
Qual dos dous preferido seria
Para armento do sancto varão.

D'esta vez resolveu-se na villa
Ter em guarda, em custodia o altar.
Parte d'ella dormia tranquilla,
A outra parte alli estava a velar.
A suspeita morada fizera
N'essas almas de crença sincera
Porque audazes cuidassem de tal.
Mas, da crença que a todos queimava,
Que de um fogo celeste abrasava
Era ou não este um certo signal?

É preciso fallar a verdade,
Tudo em vão, tudo embalde se deu.

Já triumpha a viril divindade,
É de Deus o brilhante tropheo.
Mesmo á vista dos guardas pasmados
Do altar sai por um dos dous lados
Firme o passo, o cajado na mão,
Nossa imagem sagrada e divina,
Tendo a c'rôa, que a fronte illumina
Com soberbo e brilhante clarão.

Sai da igreja, dirige-se á estrada,
Precedida de archanjos a mil;
Era a terra de mais aclarada,
Côro d'anjos um canto gentil.
Tinham elles as azas brilhantes,
Livres, soltas, batendo incessantes,
Qual se aos astros quizessem-se erguer.
Assim foi que em brilhante romagem
Turba d'anjos e os guardas e a imagem,
Tudo á ermida depressa foi ter.

Desde então ficou sendo a capella
Certo asylo do sancto José;
E que em frente uma nitida estrella
Diz' que sempre brilhando se vê.
O logar é por certo aprasivel;
Tudo alli é de um bello indisivel,
Move as almas e os bons corações.
Tudo falla de Deus n'um concerto,
Já das ondas o campo deserto,
Já nos mattos do vento as canções.

Se alli fordes sosinhos um dia,
Tendo alguma promessa a cumprir,

Bem fareis a fiel romaria,
Nada, nada tereis que sentir.
Levai cêra, não crua, mas benta,
Algum quadro em que o sancto se ostenta,
Ponde velas em torno do altar.
E depois.... já vai longa esta historia;
Do milagre aqui fica a memoria;
Dou licença, podeis já fallar.

1860.

ESTANCIAS.

Chantre ami, qu'à toi seul en retourne la gloire !
Mes chants naquirent de tes chants.

JEAN REBOUL.

Acabo de reler teus lindos versos,
Echos fieis de um sentimento nobre,
Da voz do coração !
Dou-lhes merito e preço bem diversos
D'esses, que estampa o pensamento pobre
Em gelida oração.

Em mim, no peito meu calou bem fundo
Essa phrase viril de fé repleta,
Gravada no papel!
Se perigrinos vamos pelo mundo,
O astro que nos guia é luz do poeta,
E o gôso é flor e mel !

Que nos importa a nós, que a turba diga
Que é nulla a voz do bardo, é nullo o canto,
Esteril seu rimar?
Cega e louca ella é; nossa cantiga
Salva do olvido ao pó, da morte ao manto
O que deve durar!

Do puro amor, do heroe, do rei, do povo,
Da crença e do altar vive a memoria
Do vate nas canções!
Um verso é sempre um monumento novo;
Uma estrophe equivale á voz da historia;
Os poemas são brazões!

Quem ergue a Deus sua alma? quem lhe implora
Na prece ardente o paternal cuidado
Do mendigo em favor?
Quem suspira, quem pede, geme ou chora
Pelo perdão de um pobre desterrado,
Seja Homero ou Victor?

Quem dá consolo á mãi, que vê sem vida,
Pallido, inerte e frio o filho amado
No regaço a dormir?
E á propria multidão impia e descrida
Quem descerra a cortina do passado,
Explicando o porvir?

Quem ama, pinta ou canta a magestade
Do monte erguido ou do oceano extenso,
Ou do bosque em mudez?
Quem reflecte no verbo a claridade

Do sol ou de uma estrella o brilho intenso,
Que Deus remoto fez?

Oh, que ao certo não é esse que á praça
Corre offegante em busca do dinheiro
Apoz vil transacção!
Suga o agiota o sangue á populaça;
Tira ao pobre o ceitil seu derradeiro
Metallico barão!

Não curvemos, oh não, a fronte augusta
Á pequenez mundana, á vil miseria
Que gyra em torno a nós!
O cancro social não nos assusta.
Ergam os anões louvores á máteria,
No ergue-los serão sós!

Nós, longe d'elles, por diversa estrada
Firmes, seguros, caminhando ufanos,
D'olhos fitos nos ceos,
Teremos nossa fronte laureada,
Pois que são os poetas soberanos,
São os anjos de Deus!

De mãos dadas, amigo, longe iremos
Com a lyra em punho a descantar louvores
A Deus, á patria, ao amor!
Virente palma ao certo ganharemos,
Redolente festão de lindas flores,
E as benções do Senhor!

1860.

LEMBRA-TE DE MIM.

(FORGET ME NOT.)

Não: não duvides do amoroso affecto,
Que te hei votado, minha flor querida.
Se existe ceo e terra antes duvida,
Mas não do meu amor !
Podes não crer na melodia extrema,
Quando as vozes dos anjos se harmonisam,
Que os prazeres a dor não suavizam
Podes, podes suppor.

Podes crer que na estrella não ha brilho,
Nem luz no sol ou negridão na treva,
Que o vento o fumo esparso ao ceo não leva,
Correndo n'amplidão;
Podes suppor que o mar é plaga adusta,
A terra um lago, a sombra uma ardentia,

Que o rugir da procella é calmaria,
Mas que eu não te amo... não!

Porque pois me perguntas, se te adoro,
Se a ti, somente a ti meu culto offereço?
De um anjo o coração não reconheço
Em ti, mulher e flor?
Não te contei segredos, que guardava?
Aos olhos não te abri minh'alma inteira?
Não hei feito de ti a luz primeira?
Meu Deus e meu amor?

Não perguntes, oh não, se te amo ainda,
Não duvides do amor, que te hei votado!
Tu és o meu sonhar puro e sagrado;
Es o consôlo meu.
Se te imploro perdão, das-me carinhos;
Se te peço praser, das-me ventura;
Convertes meu viver em fonte pura
De um goso, que é do ceo!

Sê tranquilla e feliz! se acaso um dia
Resfriar no meu peito o puro affecto;
Se deixares de ser, anjo dilecto,
N'este mundo o meu Deus,
È que da morte o sopro terá vindo
Bafejar-me gelado esta existencia,
E minh'alma, de Deus sublime essencia,
Terá voado aos ceos.

Inda assim mesmo... não! Hei de adorar-te
Lá onde a voz é canto e a vida amores;

Onde se inhala o perfumar das flores,
Da myrrha e benjoim !
Hei de evocar-te como a luz extrema
Chama em leito de morte o agonisante.
Hei de pedir-te, suspirosa amante,
Que te lembres de mim!

Que te lembres de mim, que não me olvides
No teu viver de goso um só momento;
Que a mim, somente a mim teu pensamento
Se eleve sem cessar.
Que te lembres de mim, que não me esqueças
Nos mentidos prazeres d'esta vida;
Dos olhos teus que a lagrima cahida
Vá meu leito orvalhar!

1857.

AI, DE MIM!

Às vezes teu lindo rosto
Perde a vida e perde a cor,
Quando um interno desgosto
Enche-te o peito de dor.
Qual a causa não sabida
D'essa afflicção dolorida,
Que assim perturba-te a vida,
Quando a tens em viço e flor?

Ora um sonho te embalava
Em gentis, meigas visões,
E uma harpa accorde entoava
Lindas, aereas canções.
Não valêra o sonho bello,
Nem d'harpa o canto singello?
Que melhor, mais puro anhelo
Dos sensiveis corações?

Nada dizes? não respondes?
Sempre muda, sempre assim !
Que dôr em teu peito escondes ?
Que pezar que não tem fim ?
Inda insisto ! Qual endeixa,
Murmurando triste queixa,
Que o peito constringe e feixa,
Dizer ouvi-a—ai de mim !

Nunca foi mais contristado
Canto ou som da humana voz;
Nem do archanjo enamorado,
Quando em vão gemia a sos.
Queixume assim tão sentido
Nunca d'homens foi ouvido,
Nem mais terno e commovido
Fôra o som da humana voz.

Mas, que extranha dôr é essa,
Que assim te faz lastimar ?
Dize-me, oh virgem; confessa
A causa d'esse pezar !
Não responde! Ora calada
Curva a fronte delicada,
Do pranto a gotta aljofrada
Em seus olhos vi brilhar.

Inda ha pouco alegre estavas,
Davas-me um ledo sorrir.
Depois mais séria pensavas
Indo em tristezas cahir!
Trocaste o riso amoroso

Por um gemer lastimoso,
Por um momento de goso
Um ai de acerbo sentir.

Assim n'um lago dormente,
Turbando o fino christal,
Passa a brisa de repente
Como em leito de um rozal.
Sopra e passa; e a lympha pura,
Tornada á antiga lizura,
Mais recresce em formozura,
Mais se espelha e torna igual.

Mas a aragem corre solta,
Vôa, passa, foge e sai.
Se agora correndo volta,
Outra vez fugindo vai.
Ruga a lympha socegada,
De novo a torna agitada,
Como a seda delicada,
Que no chão tremente cai.

1858.

O OITEIRO DA CRUZ.

HYMNO E THRENO.

I

Longe, bem longe do rumor confuso,
Em meio á solidão,
Ergueu-se humilde e pobre em sitio escuso
Uma cruz sobre o chão.

No logar onde agora ella domina
Um combate se deu.
Prelio de morte, acção valente e dina
De um bem digno tropheo.

Erguida sobre o oiteiro, a cruz aponta
N'um deserto logar,

Tendo por cirio o astro que desponta,
Por pedras tendo o altar.

Tem por docel o desdobrado manto
De um céo, que é seda e luz,
E a noite, que se envolve em mesto encanto,
Vela os braços da cruz!

A brisa da manhan ligeira e leve,
Beijando o matto e a flor,
Passa tambem no gyro que descreve
Da cruz sempre ao redor.

E deixa no correr algumas flores
Ou folhas sobre o chão;
Prova do muito amor, dos seus amores
Ao symb'lo do christão.

Do sol o raio que fulgente assoma
Reflecte sobre a cruz,
Como no Colyseu da altiva Roma
Da lua a frouxa luz.

E aquelle, que alli passa, alli demora
O tardo ou presto andar,
E o feito de outras eras rememora,
Seguindo a meditar.

Deixa, porém, na base do moimento
Um ramo ou folha ou flor,
Que alli murcha e fenece em quanto o vento
Ao longe a não vai pôr.

II.

Moimento secular, marco de gloria
Tu es, oh nobre Cruz!
Que respeitos não gera a tua historia?
Que feitos não traduz?

N'este oiteiro onde humilde tu dominas
Renhida a lucta foi!
Cada qual foi leão n'estas collinas;
Heroe, gigante, heroe!

Aqui da guerra o grito horrendo e grosso
Se fez medonho ouvir.
Fez-se bravo o cobarde, o heroe colosso,
Leão no seu rugir.

O tacápe e o fuzil, a espada e a flexa
Causaram sangue e dôr.
Este com vida áquelle, ai! que não deixa,
Nem mesmo vencedor.

E do bravo o gemido, o ai raivoso
No derradeiro adeus,
Perdeu-se em meio á grita; e o lamentoso
Morreu surdo entre os seus.

Retincto o solo de sanguinea espuma,
Coberto aqui ficou.
E a mão do vencedor corpos arruma,
E os mortos enterrou.

. . . .

Hoje, á noite, se o vento silva e corre,
Batendo sobre o chão,
Como se desse em vão n'alguma torre
Ou n'um penhasco em vão,

Nenhuma voz do sotterrado acorda,
Um murmúrio sequer.
E vai zunindo pela estrada á borda
Longe, longe morrer.

. . . .

Descanso eterno, a morte vos proteja
Valente lidador!
Se em vossa campa o goivo não floreja,
Surge d'ella o valor.

Não tendes da perpétua a triste corôa,
Nem lousa funeral;
Mas um hymno de gloria vos entôa
O canto triumphal.

Mas esta Cruz erguida ao povo explica
Nobresas de uma acção.
Que é sancto este logar bem ella o indica,
Pedindo uma oração.

Descanso eterno ao lidador que ouzado,
Valente aqui luctou.

Se o seu corpo no pó foi enterrado,
Sua alma aos ceos vôou !

Bateu-se pelo amor da liberdade,
Pela patria morreu.
O sublime valor da heroicidade
Ganha os louros do ceo.

1858.

O ORVALHO.

Nas flores mimosas, nas folhas virentes
Da planta, do arbusto, que surge do chão,
Reunem-se as gottas do orvalho nitentes,
Tombadas á noite da aerea soidão.

Provindas dos ares, dos astros cahidas
Em globos argenteos de um puro brilhar,
Descansam nas flores, ás plantas dão vida,
Remontam-se aos astros, erguendo-se ao ar.

A luz das estrellas, do vidro mais fino
O tremulo, incerto, brilhante luzir,
Não tem mor belleza, fulgor mais divino,
Nem pode mais claro, mais bello fulgir.

E o sol, que rutila no manto dourado,
Feitura sublime das nuvens do ceo,

Beijando estas gottas co'um beijo inflammado,
Desfaz taes prodigios nos beijos que deu.

Quem foi que as vertêra, quem foi que as chorára?
Quem, limpido orvalho, do ceo vos lançou?
Quem poz sobre a terra belleza tão rara?
Quem foi que nos ares o orvalho formou?

Dos anjos, que outr'ora baixaram da esphera,
Morada longinqua dos anjos de Deus,
São prantos o orvalho, que amor os vertêra,
Depois que perdidos volveram-se aos ceos.

Baixados á terra sedentos de amores
Gozaram delicias de um breve durar;
Depois em lembrança dos tempos melhores
Os anjos á noite costumam chorar.

E o pranto saudoso dos olhos vertido
Converte-se em chuva de fino christal;
Procura das flores o calix querido,
Recai sobre as plantas do monte ou do val.

E os anjos sozinhos vagueiam no espaço,
Buscando as imagens, que o ceo lhes roubou,
Seguidos das nuvens, do lucido traço,
Que o brilho das azas traz elles deixou.

E a voz, que dos labios lhes sai suspirante,
Semelha um queixume pungente de dor;
E o ar, que circula gyrando incessante,
Repete os suspiros só filhos do amor.

Em vão taes suspiros, tão tristes endeixas,
Pezares tão fundos são todos em vão !
Ninguem os escuta; carpidos ou queixas
Vai tudo sumido na etherea soidão.

E os anjos, que outr'ora viveram de amores,
Gozando delicias de extremos sem par,
Saudosos relembram seus tempos melhores,
E tem por consôlo seu triste chorar.

E o pranto saudozo dos olhos vertido
Converte-se em chuva de fino christal,
Procura das flores o calix querido,
Recai sobre as plantas do monte ou do val.

1858.

OLHOS NEGROS.

Nem ja sei qual fiquei sendo
Depois que os vi.

G. DIAS.

Dês que vi teus lindos olhos
Louco por elles fiquei.
São tão negros, tão brilhantes!
São lindos astros errantes,
Que em meu viver encontrei!

De tua alma a virgindade
N'elles tem meiga expressão.
Luz do ceo n'elles fulgura,
E a centelha ardente e pura
Penetra em meu coração.

Como são lindos teus olhos,
Que doçura que elles tem!

Olhos assim tão brilhantes,
Com se foram diamantes,
Não os vi nunca em ninguem.

Negras pestanas enfeitam
Os teus olhos divinaes.
São fios de seda fina,
Que em semi-circ'lo, menina,
Guardam teus olhos em paz.

Por um volver d'esses olhos
Dera-te o meu coração.
Se elles fitos podem tanto,
Volvidos, ao seu quebranto
Faz-se mouro um bom christão.

Por beija-los dera a corôa,
Se acaso eu fosse algum rei.
Dera o meu manto dourado,
O meu throno, o meu estado...
Que mais te dera, não sei.

Como são lindos teus olhos,
Que meiga expressão que tem!
Ora baixos dão tristura,
Ora abertos dão ventura,
Penas e magoas tambem.

Nem tu sabes que em teus olhos
Tens um tamanho poder!
Inda és menina innocente;

Logo são arma potente,
Quando já fores mulher.

Farás com elles devotos
Dos mais severos atheus.
Terás mil adoradores,
Todos captivos de amores,
Creaturas, servos teus.

Antes, porem, que assim sejas,
Emprega-os somente em mim.
Quero vê-lôs innocentes,
Vivos, tristes ou contentes,
Sempre bellos, sempre assim.

1858.

SEU NOME.

Nomen aut numen.

Brilha no ceo a diamantina estrella,
Refulgente de luz e de harmonia,
Quando em silencio a natureza inteira
Descansa antes que venha a luz do dia.
E' puro o seu fulgor, doce a belleza
Do astro, que derrama a luz divina;
Porem mais doce e de maior puresa
E' teu nome—Idalina !

Passa no lago a sussurrante aragem,
Beijando no passar de manso as flores.
Vai deixando apoz si no campo aereo
Terna canção de mysticos amores.
E' suave a canção, jasmineo o aroma,
Que se exhala da brisa matutina.

Mais suave, porem, mais delicado
E' teu nome—Idalina !

E quando a virgem no sonhar mimoso
Julga escutar do amor as melodias,
Um suspiro desponta bem mavioso
A flor dos labios seus, entre alegrias.
Arfa-lhe o peito que o pudor enfeita,
Langue suspira a candida menina.
E' bello o suspirar ! mais casto e bello
E' teu nome—Idalina !

O sorriso do infante, que desperta
Aos carinhos de irman meiga, extremosa,
Reflecte o mimo do sorrir dos anjos,
Imita o pejo de encarnada rosa.
E' placido o sorrir, puro e contente;
E' singella a expressão que o illumina.
Mais singello, porem, mais innocente
E' teu nome—Idalina !

E da estrella o fulgor, da brisa o aroma,
O suspiro da virgem, que sonhára,
O sorriso infantil, que mal aponta
Nos recorda o viver da infancia cara,
Nada me alegra nem me dá consôlo,
Nada desperta-me a illusão divina,
Nada é mais puro, nem mais meigo e bello
Que o teu nome—Idalina !

(1858.)

A LAGRIMA.

Eu amo ver nos teus olhos
Uma lagrima tremente,
Nuncia do amor innocente,
Que mora em teu coração.
Amo vê-la entre suspiros,
Entre um ai, entre um queixume,
Não de fel, nem de azedume,
Mas de amorosa afflicção.

Chorar é doce, é divino!
Nas ancias, no soffrimento
O Christo em mais de um momento
Gottas de pranto verteu.
Chorar é prompto consôlo,
Allivio de quem padecé;
Balsamo sancto que desce
Lá das rozeiras do ceo.

Tu não soffres d'essas dores,
Que minh'alma dilaceram,
Mas d'essas que se embeberam
No teu seio virginal.
Não são espinhos, são flores;
Não é dor, mas um sorriso;
Doçuras do paraiso
Entre folhas de um rosal.

Em breve ao pé dos altares
Serás a noiva querida.
C'rôa por virgens tecida
Tua fronte ha de enfeitar.
Serás a noiva e rainha,
Ouvindo o canto sagrado,
Pelas naves derramado
Em torno á pedra do altar.

....

Verte uma lagrima triste
Pelos brinquedos da infancia;
Já vai bem longe a fragrancia
Das grinaldas infantis.
Chora a luz da meiga aurora,
O frescor da madrugada,
Que nas nuvens desenhada
Brilhava em rozeo matiz.

Chora o berço em que dormias
Embalada por cantigas
Das duas almas amigas,

Que velavam teu viver.
Só no berço ha f'licidade !
Alli se encontra o perfume,
Que amor e affecto rezume
Nas rozas do bem querer.

No calix da flor mimosa
Reside o orvalho celeste.
Pobre d'ella, se a não veste
Frio orvalho do arrebol.
Mas o rócio christallino,
Que tombára ao vir d'aurora,
Pouco depois se evapora
Nos quentes raios do sol.

Teus olhos são como as flores,
E como o orvalho teu pranto.
Tens por enfeite o quebranto,
Que lhes augmenta o fulgor.
Deixa que o sol do meu beijo
Apague a lagrima triste,
Pois nunca o pranto resiste
Aos puros beijos do amor.

(1856).

EPICEDIO.

Passa la bella dona e par che dorma.
T. TASSO.

Ella dorme; silencio... o som mais leve
Ninguem na sala faça mais ouvir...
No leito posta algum descanso obteve,
Mudos estejam que ella vai dormir.

De seu virgineo rosto as roseas cores
Do somno ao toque desmaiando vão.
Quando se dorme após algumas dores,
Dizem que o sangue aflue ao coração.

Em vindo o sol, em vindo a luz do dia
Ella ao certo a sorrir ha de acordar.
Seus labios soltarão essa harmonia
Com que ella o canto á falla soe casar.

Depois tranquilla cuidará das rosas
Com quem reparte do seu peito o amor.
As flores se abrirão, que as mãos zelosas
A planta educam por colher a flor.

As rosas do jardim uma por uma
Irá colhendo em deleitoso afan.
A mais linda os cabellos lhe perfuma,
E assim mais bella será minha irman.

Dorme, dorme, amanhan ao vir da aurora
Has de sahir do leito, has de te erguer.
Não mais haja rumor; silencio agora;
Descanso á noite ella precisa ter.

....

Vôa, minh'alma, do passado ás scenas,
Rompe as cortinas do presente veo.
Pinta o quadro das cores mais amenas,
Doura-me o cyclo do passado meu.

Eu e ella meninos, quasi infantes,
Vimos correr a vida em placidez.
Era o passar das horas como instantes,
Em mim o riso e n'ella a candidez.

Como ramos de um tronco sempre unidos,
Folhas de uma haste ou flores de um pendão,
Eram entre nós os brincos repartidos,
Eu muito a amava e ella a seu irmão.

Crespo e louro o cabello ella o soltava

Ou á brisa da tarde ou da manhan.
Ia, corria e juncto a mim parava...
Quanto eras meiga, minha bôa irman.

Em frente ao oratorio, á noite postos,
Ambos em prece e harmonisada a voz,
Pediamos que Deus nenhuns desgostos
Fizesse nossa mãe soffrer por nós.

....

Da juventude a flor abre-se agora
Ornando a tua fronte, oh minha irman!
Se o dia que passou foi luz da aurora,
Meigo brilho ha de ser o de amanhan.

Foi teu passado uma canção serena,
Voz d'esp'rança, descuido e amor tambem.
É teu presente como a tarde amena,
E o teu futuro quão risonho vem!

Vive, anjo meu; que d'este mundo as flores,
Lindas começam agora a despontar.
Cobre-se o ceo de mil douradas cores,
Brandos aromas embalsamam o ar.

—

E veio a aurora e o seu dormir perdura,
Do leito não procura inda se erguer.
Cerrada a bocca, nenhum som murmura,
E o corpo immovel continua a ter.

Pendido o braço e desmaiada a imagem,
Como seus dedos resfriados são !
Talvez foi fria a noite, e a leve aragem
Sem duvida ao passar beijou-lhe a mão.

Porem da vida o reluctar constante
Já se não sente mais.. emmudeceu !
Meu Deus, que ideia n'este infausto insta[nte]
Que triste somno, ella tambem morreu !

1860.

QUINZE ANNOS.

Nós temos na vida um sonho
De casta e meiga poezia,
Que nos gera enganos n'alma,
Mysterios no coração.
E' quando o fogo celeste,
Mudado em sancta harmonia,
Revela um bello segredo,
Bello de amor e paixão.

Quando a voz queixosa e triste
Modula em leves accentos.
Palavras sem lei nem ordem,
Sentidas phrases de amor.
Quando um gemido se enlaça
Ao som dos vagos lamentos,
E cai dos olhos o pranto
Como os orvalhos da flor.

E' quando ao sopro da tarde,
Á luz do sol scintillante,
Ao frio vento da noite
E á luz de frouxo luar
Imagem donosa e pura
Figura um bello semblante,
Quando a saudade pungente
Nos obriga a suspirar.

Quando os minutos são horas
E são as horas momentos
E vai-se o tempo perdido
Em profunda distracção.
Quando aos pezares de um dia
Succedem novos eventos,
Vindo ou prazer ou tristura
Dar-nos toque ao coração.

Quando se guarda os cabellos,
Que em fina trança, mimosa,
Alguem nos dera ao pedir-mos
Quanto amor se possa dar.
Quando se beija em segredo
Olente carta, extremosa,
E um meigo e terno suspiro
Faz de amor o peito arfar.

Quando algum nome querido
Nos labios sempre nos mora
Como luz que nos dá vida
Ou sopro que faz morrer,
E no porvir se divisa

Clarão de fulgida aurora,
Que nos promette ventura,
Flores de ledo viver.

(1856.)

CANÇÃO DO SALGUEIRO.

(SHACKSPEARE.)

Juncto de um verde salgueiro
Assentada todo o dia
Uma chorosa menina
Cantando triste se ouvia.
Tinha a mão cobrindo o peito,
Baixa a fronte e n'alma dores,
E seu canto lastimoso
Fallava meigo de amores.

O salgueiro enternecido
Junctava ao canto um gemido.

Banhando a plaga deserta,
Manso o ribeiro corria;

E o murmúrio tão saudoso
Cazava aos sons da agonia.
E dos olhos da menina
Cahiam prantos e dores,
E seu canto lastimoso
Fallava meigo de amores.

O salgueiro enternecido
Junctava ao canto um gemido.

«Oh, meu salgueiro querido,
Has de enfeitar-me a capella,
Pois com a flor da larangeira
Ninguem me corôou donzella.
Mas não accuzem o ingrato
Das que soffro ancias e dores.
Dou-lhe o perdão que merece
Um vil perjurio de amores.»

O salgueiro enternecido
Junctava ao canto um gemido.

Um dia meiga e sentida
Brandamente eu lhe dizia:
«Porque trahiste a menina,
«Que de amor por ti morria?
«Faze o que eu faço, me disse;
«Trahe, engana os teus amantes.
«Dure o amor algumas horas,
«Durem as horas instantes.»

E o salgueiro enternecido
Junctava ao canto um gemido.

(1857.)

Á MORTE DE MINHA TIA EMILIANA.

Entôa, minha muza, um triste canto
Repassado de angustia e de agonia.
Eleva ao som dos ais um hymno sancto;
Ensaia n'esta endeixa uma harmonia.

Adorne a flor tristonha a minha lyra;
Desperte-se em meu canto uma saudade.
Pranteia, minha muza, alguem suspira
Aos impulsos da dôr e da amisade.

Se outr'ora o teu cantar foi sonoroso
Echo de uma expressão dos meus amores,
Hoje um novo preludio lamentoso
Traduza as minhas dores !

Ella era o nosso amor, nossa alegria,
Era a nossa affeição, nossa amisade.

O anjo tutellar, que protegia
Com affagos e risos de bondade.

Amiga—foi de amigas o exemplo,
Sempre digna de encomios e louvores.
Era o seu coração um sacro templo,
Onde incensos queimava a seus amores.

Teve sempre de filha a mor doçura;
Sempre humilde ao respeito obedecia.
Uma phrase sequer aspera e dura
Nunca seu labio pronunciar se ouvia.

Esposa—foi de esposas o modelo,
Composto de virtude e castidade.
Foi puro o seu viver, calmo e singello
Como o da virgem na primeira idade.

Por ella a caridade era exercida
Como aos justos convem e agrada a Deus.
Sabia como mãe amar aos filhos
Extranhos e não seus.

Como as vozes do Empyreo se harmonisam
Na dúlia angelical a Deus erguida,
Assim os actos seus, os beneficios
No seu breve passar por esta vida.

Hoje essa voz, que a todos enlevava,
Em seus labios parou e emmudeceu.
Como o infante, que ao somno se entregava,
Assim ella morreu !

A prece, as orações foram com ella
Nos momentos da ultima agonia.
Sua alma no morrer placida e bella
Aos altares do ceo então se erguia.

Não choremos, oh não ! ao justo em paga
Reserva Deus o premio da outra vida.
Se da lampada a luz aqui se apaga,
Por mãos d'anjos no ceo ei-la accendida.

Em nossos corações fica a saudade
D'aquella, que foi sempre meiga e bôa.
E na lyra da dor e da amisade
Um triste canto, minha muza, entôa.

Rio Grande do Norte, 10 de fevereiro de 1859.

CAJUEIRO PEQUENINO.

CANTIGA.

> Cajueiro pequenino,
> Carregado de flor,
> Eu tambem sou pequenino,
> Carregado de amor.
> CANÇ. POPULAR.

Já de ha muito o sol é morto,
Brilha na terra o luar.
Nas palmas d'altos coqueiros
Brinca o vento a sussurrar.

No ceo as fixas estrellas
Apenas vêm-se luzir.
As aves dormem na matta,
Parece a matta dormir.

Dos ares cai denso orvalho
Sobre a gramma, sobre a flor.
E a brisa, de aromas cheia,
Das flores brinca ao redor.

Tudo é silencio que falla;
Tem vozes a solidão.
Falla o ser callado e mudo,
Cada voz é uma canção.

Ouve, escuta, cajueiro,
O canto, que eu vou cantar,
Ao frio vento que passa,
Á luz do frouxo luar.

A taes horas um menino
É certo deve ir dormir;
Mas quem por noite como esta
Pode algum somno sentir?

Deus te deu folhas e ramos
E flores tambem te deu.
Deu-me affecto e sympathias,
De mil desejos me encheu.

Das flores nascem-te os fructos,
Dos ramos nasce-te a flor;
De minh'alma o puro affecto,
De meu peito o doce amor.

Nas tuas folhas luzentes
Sol e chuva hão de cahir.
No meu peito as alegrias,
Os desgostos hão de vir.

Mas em quanto o puro orvalho
Te dá vida e te dá flor,

Os amores de minh'alma
Prestam-me vida melhor.

Cresce, cresce, cajueiro,
Que eu tambem hei de crescer.
Se murchares algum dia,
Eu tambem hei de morrer.

Somos ambos pequeninos,
Vivemos ambos no chão.
Se dizes que és meu amigo,
Eu digo—sou teu irmão.

Minha mãi n'este terreiro,
Quando eu nasci, te plantou.
Criou-te com sombra e agoa,
Com seu leite me criou.

Nasceste á porta de caza,
Sempre abrigado do sol.
Ardores do meio dia
Eram clarões de arrebol.

Fui crescendo, cajueiro,
E tu cresceste tambem.
O segredo que eu te disse
Não o contes a ninguem.

Somos ambos pequeninos,
Queremos ambos viver,
Cresce, cresce, cajueiro,
Que eu tambem hei de crescer.

(1857).

A BORBOLETA.

(LAMARTINE.)

Quando na terra a primavera assoma
Raia tambem nos ceos brilhante aurora,
Que as trevas espancando
Vida, luz e calor vai derramando.
N'essa estação, n'essa hora
Sai medrosa da larva em que jazêra
Formosa a borboleta,
Fugaz, irrequieta,
Flor que desponta ao sol da primavera.

A roza, que no prado altiva cresce,
Que ostenta o brilho, que pompeia ufana,
Pouco a pouco enlanguece,
Pendida para o chão sem cor nem vida.

E' curto o seu viver, a flor querida,
Ja murcha e desfolhada,
Figura sobre a estrada
Como a dama que fora idolatrada,
Do throno decahida.
Da borboleta a vida bem semelha
Da flor bella e vermelha
O rapido viver, rapido e breve
Como o gyro veloz, que o sol descreve.

Mas em quanto da vida o doce alento
Lhe presta ás lindas-azas
Ligeiro movimento,
Percorre a borboleta o puro espaço,
Seguindo o leve traço
Da fugitiva aragem, que passando
Vai apoz si fragrancias derramando.
Brinca depois no melindroso calix
Das flores, que em botão mal desabrocham.
De aromas se inebria,
De luz se farta; e quando, ja repleta,
Procura novas flores,
Das azas, inquieta,
Sacode o pó dourado
Com que Deus o seu corpo ha matizado.
Adeja, vôa e corre como um sôpro
Ou rapido suspiro
Ao longinquo logar, onde mil astros
Volvem-se bellos no constante gyro.

Da linda borboleta eis o destino.
Semelha bem o timido desejo,

Que em nada se fixára,
Que em tudo mal tocára,
Que, farto sem gozar, vai perigrino
Pedir no ceo e procurar um beijo
De volúpia ou do amor terno, extremozo,
Que bem lhe afogue o procurado gôzo.

(1857.)

TRISTONHA TARDE.

Já não brilha no ceo do sol o disco,
Já não cai sobre a terra o lume ardente.
Pardas, espessas nuvens
Cobrem do vacuo a solidão longinqua.
Nublada a face tem o rei dos astros,
Que nos morros d'alem buscava ufano
O leito seu dourado.
Luz indecisa e frouxa mal se amostra
No ponto opposto ao sempre bello oriente.
Tudo annuncia agora
Fundo silencio, insolita tristeza!
Dir-se-hia que do mundo as leis eternas,
O constante girar de negras sombras,
De vivos raios, de esplendor celeste,
De rabidas lufadas,

De ciciosa aragem
Foi suspenso por mãos, que tudo podem.

Tristonha tarde! Aqui, longe da estancia
Que um abrigo me off'rece
Em meio ao coqueiral que a cerca e adorna,
Posso sozinho e mudo
Ver-te na terra e céo, em tudo achar-te.
Quanto és solemne e bella! como apraz-me
A sublime expressão, que das ao mundo!
Não é mais linda, não, a noite estiva,
Quando mil astros fulgem,
A pleiade rutila e a lua aclara
O mar, a estrada, o povoado e o bosque;
Ou se a cadente estrella
No ar derrama o subitaneo brilho,
Que ás vezes de estampidos se acompanha.

Tristonha tarde! Agora contemplando
O variado painel que se apresenta
Aos olhos meus, que percorrê-lo buscam,
Mais formosa te encontro, e mais me agradas.
Aqui o jussaral quedo se eleva
Por entre o veio d'agoa, que o serpeia.
O regio burity de altiva fronte,
De grosso tronco e magestoso porte,
Immoto permanece
Guardando solitario estes logares.
Na relva da campina o gado esparso
Rumina socegado.
Ao longe, quasi occulta entre a folhagem,
A pequena palhoça se alevanta

Onde o negro africano busca o somno,
Apoz duro trabalho.

Á beira do caminho cresce a murta,
Que, em touças vegetando,
Cobre de roxas fructas
O rasteiro mattinho.
A copada mangueira sempre verde
Enche o espaço de terra em que se erguêra.
E mais adiante da tapera em meio
Sobranceiro apparece
O páo d'arco de folhas já despido,
Mas de amarellas flores enfeitado.
As palmeiras, que ao longe se inclinavam
Do vento ao sopro sussurrante e forte,
Ora fixam nos ares
Os tremulos pennachos.
Pelas margens do rio, que desliza
Por sobre o leito escuro,
Ergue o verde mangal os altos ramos,
Onde o pouso procura
O vermelho guará, que na plumagem
A cor da brasa excede.

Tudo é silencio, e quietação profunda!
O mais leve mover da folha ou d'agoa
Aqui não se descobre.
No brejo não se escuta o forte estalo
Do bicudo tucano, que á tardinha
Costuma despertar o somno antigo
Da selva umbroza e da floresta virgem.
A triste juruty não me enternece

Com os accentos magoados
Do canto seu, que em gemedoras notas
Acorda os echos que adormidos jazem.
Grato silencio toda a terra envolve !

Imagem de minh'alma
Tu és, tristonha tarde !
Tudo em mim já passou, vida já teve,
Echos e vozes, movimento e brilho.
No céo do meu viver um sol esplendido
Seus raios despediu outr'ora, quando
As illusões do amor me embeveciam.
Tambem ledo cantei as harmonias,
Que em nossos corações amor entôa.
A doce flor das esperanças minhas
Desabrochou risonha
Aos suaves bafejos da ventura,
Que o saibo de um prazer placido e puro
Poz nos meus labios sequiosos d'elle.
Quanto sonho formoso
Não me enganou, não trouxe-me arroubado !
Que gratas sensações não me obrigaram
A comprimir do peito
O frequente pulsar de amor provindo !
Quanta saudade, amor, quanta saudade !
Que de gosos n'um dia,
Que de afflicções n'uma hora,
Mas que bello viver foi o que eu tive !
Ai ! que perdida agora a melhor quadra,
Mal, apenas me resta
O saudoso evocar d'eras passadas.
Qual o tenue clarão, frouxo da lua,

Ou desmaiado iris, que apparece
Reflectindo no céo as vivas cores
De um outro, que rutila,
Assim minh'alma está e assim retrata
O crepusc'lo da vida em que me envolvo.

Imagem verdadeira da existencia,
Que a juventude minha
Não merecia ao certo, e não suppunha
Que Deus lh'a desse em premio da ventura;
Socia minha fiel, grato consolo
De quem d'humanos peitos ha descrido,
E a fé perdeu de ser feliz um dia;
Bella, tristonha tarde, eis-me n'esta hora
Meu ser unindo a ti n'um laço estreito
Do amor mais puro, e da affeicção mais doce !

(1859).

O SALGUEIRO DE SANTA HELENA.

(JOSÉ MERY.)

Em solitaria ilha, bem distante
Do Sena, seus amores,
Dorme o somno da morte o genio altivo
Da guerra e dos horrores.
Morto, bem morto está; mas sempre vivo
Na popular lembrança
Será o heroe da França.

Ao murmúrio da fonte christallina,
Que alli corre e serpeia,
Aos sonidos das ondas e do vento
Em constante lamento
Descansa o vencedor d'Africa e Europa,
Morto e bem morto em terra tão remota.

Da campa, que o proteje, o guarda e esconde,
O marmore cobrindo,
Um salgueiro, que alli cresce e vegeta,
Ora os ramos levanta, ora os abaixa
Sobre o heroe que descansa em terra imiga
Apoz tanto vencer, tanta fadiga;
E nas plagas ignotas
Espalha as folhas soltas,
Como se foram lagrimas de amigo
Choradas sobre as lettras de um jazigo.

E em baixo d'arvor, que fluctua e treme,
E em cujos ramos um funereo passaro
Procura sempre o pouso,
Dorme o Corso em repouso,
Como na tenda do arraial guerreiro
Nas vesperas de um combate derradeiro.

Quando, porem, dos ares, onde paira,
Desce a aguia veloz e rouco trôa
O medonho trovão pelas gargantas
Do valle ou cimo de escabrosos montes,
Parece que elle então, co'a bocca em chammas,
Do frio leito sahirá raivoso,
Acceso em furia insana
A dar batalha á morte tão tyranna.

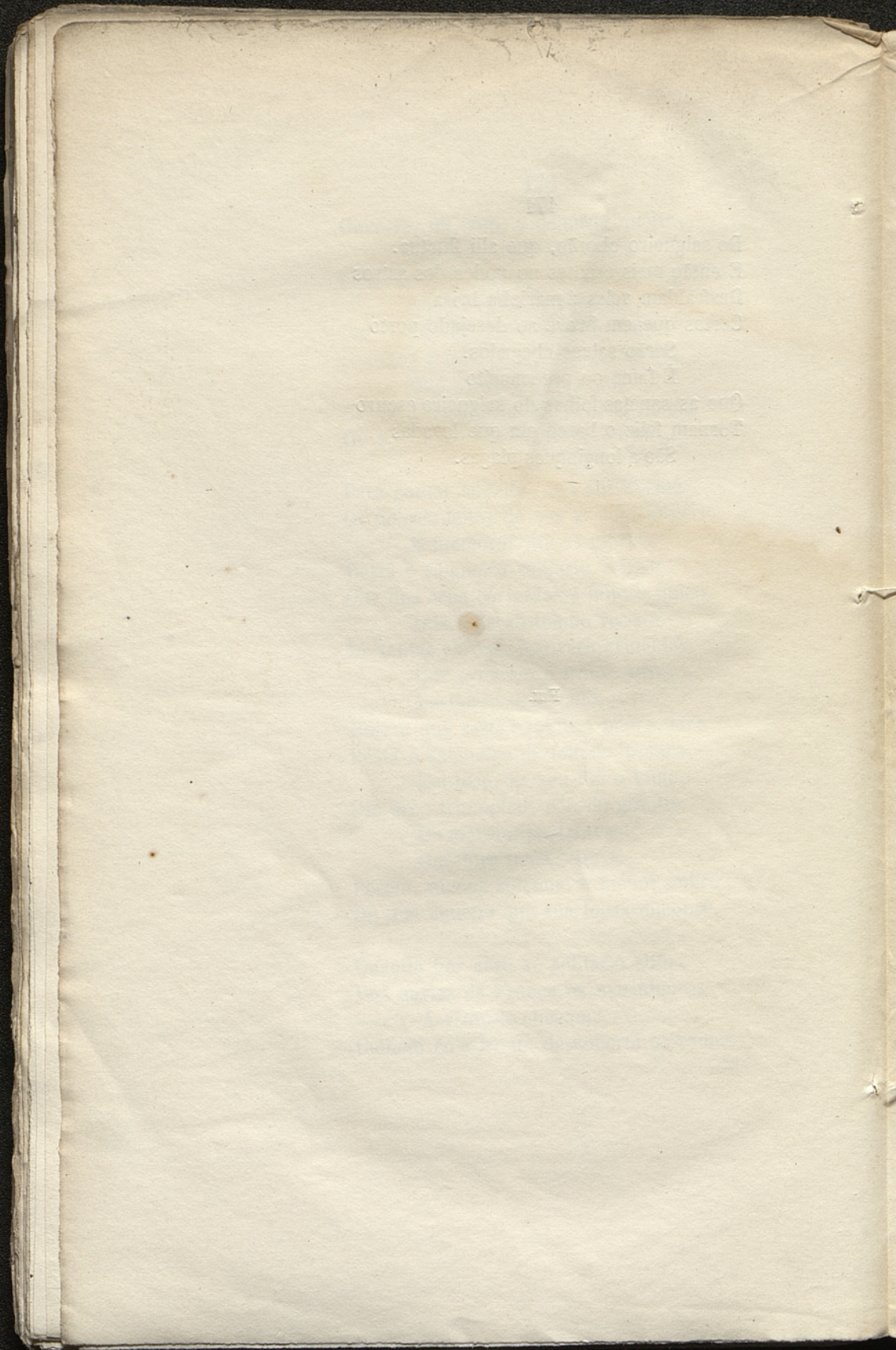
Do cimo da collina vê-se á tarde
Sobre o triste moimento
Baixar os ramos o salgueiro escuro,
Como se fosse o amante,
Que o quizesse abraçar n'aquelle instante.

Ouve-se, oh, sim, a dolorida queixa,
Que lhe o salgueiro entôa
Para servir de consolo ao longo tedio,
Que ao heroe sotterrado
Por irrizão da sorte ha sido dado.
Semelha a queixa uma elegia ignota,
Que sobre a pedra nua
Cai co'o murmúrio das pezadas noites
Ou co'o baço clarão, fraco da lua.

Para contar áquelle, que alli dorme,
Os nobres feitos do seu grande Imperio
E memorar-lhe as glorias
Resta o salgueiro solitario e triste,
Que dos seus cortezãos é hoje o unico,
Que inda ao tempo resiste.
De tantas corôas, festivaes grinaldas,
Que ornaram a fronte altiva
Do Corso denodado,
Hoje o que resta? sobre a pedra dura
Resta o salgueiro de folhage escura.
Em bem, deixou-lhe o tempo
Um arco triumphal, não de granito
Ou marmor portentoso,
Que fôra mais custoso,
Porem, menos solemne e menos nobre
Do que aquelle que sua lousa encobre.

Quando por caso ao solitario sitio
Dos navios da França os marinheiros
A vizita-lo chegam,
Colhem co'a fronte descoberta os ramos

Do salgueiro chorão, que alli fluctua.
E então mais crentes no poder dos astros
Desfraldam velas á marinha brisa
Certos que em breve ao desejado porto
        Serão salvos chegados.
        È fama ou preconceito
Que as sanctas folhas do salgueiro escuro
Tornam feliz o barco em que levadas
        São a longinquas plagas.

FIM.

ERRATA.

PÁGINAS.	LINHAS.	ERROS.	EMENDAS.
11	4	Á flor	á flux
34	22	prostado	prostrado
35	4	lote	dote
36	10	peixe	peixes
40	3	imbravecido	imbravecida
98	2	Ao Dr. M. J.	Ao Dr. A. J.
113	27	dem buro	bem duro
148	7	insta	instante.

INDICE.

—

Trajano Galvão de Carvalho.

Antonio Marques Rodrigues.

G. H. d'Almeida Braga.

TYPOGRAPHIA DO PROGRESSO.

ESTÁ NO PRELO:

POSTILLAS GRAMMATICAES

POR

FRANCISCO SOTERO DOS REIS.

ESTÃO Á VENDA:

OS ESTUDANTES DA BAHIA.
1 vol. em 8°. Preço: 1,000.

PARNASO MARANHENSE,
Collecção de Poesias escolhidas.
1 bello vol. em 8.° Preço: 2,000.

URSULA,
ROMANCE BRASILEIRO
por
UMA MARANHENSE.
1 vol. em 8°. Preço 2,000.

ANNAES HISTORICOS DO MARANHÃO
por
BERNARDO P. DE BERREDO.
1 forte vol. em 8°. Preço 6,000.

KALENDARIO ECCLESIASTICO
PARA 1862.
Preço: 1,000.

PEQUENO RITUAL DE CEREMONIAS
pelo Bispo do Pará.
Preço: 1,280.

CARTAS DE ENTERRO
2:000 o cento.

TRATADO DE ARITHMETICA,
por
J. A. COQUEIRO.
1 forte vol. encadernado: Preço 5,000

O SOGRO DA RAPASIADA.
1 vol. em 8°. Preço: 1,000.

OS HOMENS DE CERA.
Drama em 4 actos por
CINCINNATO PINTO DA SILVA.
1 bello vol. em 8°. Preço: 2,500.

CARTAS DE A B C
160 cada uma.

LUZIA DE LAMMERMOOR
Preço: 640.

BEATRIZ DE TENDA
Preço: 640.

A SOMNAMBULA
Preço: 640.

O TROVADOR e HERNANI.
Preço: 640 cada um.